

# IGREJA LUTERANA

REVISTA SEMESTRAL DE TEOLOGIA



## SEMINÁRIO CONCÓRDIA

### Diretor

Gerson Luis Linden

### Professores

Acir Raymann, Anselmo Ernesto Graff, Clóvis Jair Prunzel, Gerson Luís Linden, Leopoldo Heimann, Norberto Heine (CAAPP), Paulo Gerhard Pietzsch, Paulo Moisés Nerbas, Paulo Proske Weirich, Paulo Wille Buss, Raul Blum, Vilson Scholz

### Professores Eméritos

Ari Lange, Donaldo Schüler, Paulo F. Flor

### IGREJA LUTERANA

ISSN 0103-779X

Revista semestral de Teologia publicada em junho e novembro pela Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia, da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

### Conselho Editorial

Paulo Wille Buss (Editor)

### Assistência Administrativa

Nara Coelho

A Revista *Igreja Luterana* está indexada em *Bibliografia Bíblica Latino-Americana* e *Old Testament Abstracts*.

Os originais dos artigos serão devolvidos quando acompanhados de envelope com endereço e selado.

( Solicita-se permuta )  
( We request exchange )  
( Wir erbitten Austausch )

### Correspondência

Revista Igreja Luterana

Seminário Concórdia

Caixa Postal 202

93001-970 – São Leopoldo/RS

Telefone: (0xx)51 592 9035

e-mail: [seminarioconcordia@ulbranet.com.br](mailto:seminarioconcordia@ulbranet.com.br)

[www.seminarioconcordia.com.br](http://www.seminarioconcordia.com.br)

**IGREJA LUTERANA**

VOLUME 64 - JUNHO 2005 - NÚMERO 1

|  |    |
|--|----|
| <b>IN MEMORIAM</b> .....   | 05 |
| <br><b>ARTIGOS</b>   |    |
| A Tradução da Bíblia<br>por João Ferreira de Almeida e suas Revisões<br><i>Vilson Scholz</i> .....                           | 07 |
| O lugar de culto: fundamentos e critérios<br>para construção ou reforma de uma igreja<br><i>Paulo Gerhard Pietzsch</i> ..... | 30 |
| Lutero e a presença de Deus e do diabo na História<br><i>Anselmo Ernesto Graff</i> .....                                     | 40 |
| <br><b>DEVOCIONAL</b>  |    |
| Salmo 46<br><i>Vilson Scholz</i> .....   | 40 |
| Em que tipo de mundo você vive<br><i>William Miller</i> .....  | 61 |



## REV. DR. MARTIM CARLOS WARTH

*Paulo Moisés Nervas*

Escrevendo aos Efésios, no versículo 11 do capítulo 4, o apóstolo Paulo afirma que a igreja de Cristo recebe do seu Senhor apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres. A Igreja Evangélica Luterana do Brasil tem recebido essas dádivas nas pessoas de vários servos consagrados e fiéis. Alguns deles dedicaram parte de suas vidas e muitos dos seus dons ao serviço dentro do Seminário Concórdia, na função de professores dessa escola de profetas.

De um deles a IELB e o Seminário se despediram no dia 21 de dezembro de 2004, pois um dia antes, 20 de dezembro portanto, havia sido chamado à glória eterna pelo Senhor da vida e da morte. Por isso, este número da Igreja Luterana registra a lembrança carinhosa e saudosa que o Seminário Concórdia conserva do Prof. Dr. Martim Carlos Warth. Essa lembrança é acompanhada de louvor e agradecimento a Deus pelas bênçãos concedidas ao professor falecido e, através dele, para sua família, esposa Naomi, filha Beatriz, genro Acir, netas Caroline e esposo André, Gabriele e esposo Eduardo, e bisnetas Isabela e Ana Luiza. Na pessoa do Prof. Dr. Warth também foram abençoados a IELB, a ULBRA e muito particularmente o Seminário Concórdia, onde o saudoso mestre serviu da seguinte forma: Professor do Pré-Teológico (1950-51); Vice-Reitor (1969-76); Reitor (1977-1980); Professor (1964-1992); Professor Emérito após 1992.

O Seminário Concórdia estende à família do Prof. Dr. Martim Carlos Warth um agradecimento cordial por tudo que fizeram em apoio ao servir do Professor nesta instituição.

Também é desejo deste Seminário que o Deus gracioso continue capacitando aos que servem nesta Escola para que sigam, no trabalho desenvolvido, o exemplo de dedicação, zelo e amor deixado pelo Dr. Warth.



# A TRADUÇÃO DA BÍBLIA POR JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA E SUAS REVISÕES

Dr. Vilson Scholz\*

(Trabalho apresentado no Dia de Reflexão Teológica do Seminário Concórdia, em maio de 2005, e também no Fórum de Ciências Bíblicas, em Barueri, SP, no dia 8 de junho de 2005.)

## TRADUÇÃO DE ALMEIDA: PEQUENO MILAGRE

A Bíblia portuguesa foi, segundo consta, a décima terceira tradução da Bíblia para uma língua moderna, no período depois da Reforma do século XVI. A tradução foi feita longe de Portugal, num território que pertencia à Holanda, que era uma concorrente de Portugal naquela região do mundo, e cujos líderes por certo teriam razões de sobra para tentar obstaculizar a difusão da língua portuguesa, que, diga-se de passagem, era a língua franca daquela parte do mundo conhecida como as Índias Orientais. Uma tradução feita, sim, por um português, que só podia ser protestante, mas na qual outros, não nativos, logo trataram de meter a sua colher. Uma tradução que levou muitos anos até ficar livre das comissões de revisores e que acabaria caindo na mão de um tipógrafo incompetente. Mesmo assim, viu a luz do dia e pode, por isso, ser considerada um pequeno milagre.

## PEQUENA BIOGRAFIA DE ALMEIDA

João Ferreira A. de Almeida era “homem de risco e aventura mas, sobretudo, homem de fé”.<sup>1</sup> Um obstinado, cujo lema era *perficit qui perseverat* (“termina quem persevera”) e em quem os contemporâneos

\* O Rev. Dr. Vilson Scholz é professor de Teologia Exegética (Novo Testamento) no Seminário Concórdia e na ULBRA e Consultor de Traduções da Sociedade Bíblica do Brasil.

<sup>1</sup> Manuel CADAFÁZ DE MATOS. *Uma Edição da Batávia em Português no Último Quartel do Século XVII* – Diferença da Christandade (1684), em versão do P. João Ferreira de Almeida. Lisboa: Edições Távola Redonda, 2002, p. XII-XIII.

censuravam as “suas práticas cabeçadas”.<sup>2</sup> O nome completo dele era João Ferreira A. de Almeida. Aquele “A.” foi suprimido a partir do século XIX.

Pouco se sabe da vida de Almeida. Nasceu em Torre de Tavares, perto de Lisboa, em 1628. Viria a falecer em 1691, com 63 anos de idade. Deixou Portugal aos 14 anos de idade, indo para a Holanda. Depois foi para Málaca, nas Índias Orientais, e acabou em Batávia, na ilha de Java (que hoje é a Indonésia), cidade que havia sido fundada em 1619, pelos holandeses, para ser a sede do governo da Companhia Holandesa das Índias Orientais.

Não se sabe quando e onde Almeida recebeu formação teológica. O que se sabe é que, em 1654, aos 26 anos de idade, na mesma época em que os holandeses eram expulsos do Nordeste brasileiro, Almeida prestou exame com vistas ao ingresso no ministério. Foi ordenado ao ministério quatro anos depois. Em alguns escritos, e até mesmo no frontispício de suas Bíblias, Almeida aparece com o título de padre. Esse título era usado também pelos pastores protestantes nas Índias Orientais, naquele tempo.

No ano de 1661, vinte anos antes da publicação do Novo Testamento, ele havia sido julgado pelo tribunal da Inquisição em Velha Goa (Índia), condenado à morte, e executado *in effigie*.<sup>3</sup>

Quanto à vida familiar, afirma-se que tenha casado com a filha de um pastor holandês. Ignora-se o nome dela e não há registro de que o casal tenha tido filhos.

## ALMEIDA COMO TRADUTOR DO NOVO TESTAMENTO

Com a idade de 16 anos, Almeida já havia traduzido o Novo Testamento. Como naquela época ele não sabia nada de grego, a tradução foi feita do latim, uma edição de Teodoro de Beza. Almeida confessa que tinha acesso também à tradução espanhola de Valera, bem como a traduções para o francês e o italiano. Essa primeira tradução foi concluída lá pelo ano de 1645, mas nunca foi publicada. Tudo indica que se perdeu.

Uma nova tradução do Novo Testamento foi concluída em 1670, mas só viria a ser publicada uns onze anos mais tarde. Que aconteceu? Entraram em cena os revisores, as comissões e os concílios. Primeiro em Batávia, depois em Amsterdã. Segundo Hallock & Swellengrebel,<sup>4</sup> durante o mês de novembro de 1676, o concílio da igreja, em Batávia, discutia as minúcias da revisão. Em primeiro lugar, se os títulos descritivos deveriam

---

<sup>2</sup> Edgar F. HALLOCK & J. L. SWELLENGREBEL, *A Maior Dádiva e o Mais Precioso Tesouro*. Rio de Janeiro: JUERP, 2000, p. 115.

<sup>3</sup> HALLOCK & SWELLENGREBEL, p. 184.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 102.

ser acrescentados a cada capítulo. A conclusão foi mais ou menos esta: “Precisar, não precisa; agora, mal também não faz”. A mesma ata de 30 de novembro de 1676 registra a seguinte discussão:

... se se devia usar no texto em português com o tipo grifado ou em parênteses as palavras que não ocorram no texto grego mas são implícitas na forma. Resposta: sim, enquanto a sintaxe do português permita.<sup>5</sup>

E assim a revisão foi se arrastando. Em dado momento, a comissão de revisores pediu demissão, pois a igreja em Amsterdã ficou sabendo, depois de algum tempo, que a tradução em português não estava exatamente conforme a tradução oficial holandesa! Por fim, em 1679, como relata Paul W. Schelp, o manuscrito de Almeida foi entregue a dois pastores holandeses, e os administradores holandeses da Ilha de Java prontificaram-se a custear a edição.<sup>6</sup>

### **A EDITIO PRINCEPS DE 1681**

A primeira edição do Novo Testamento saiu em 1681. A impressão foi feita em Amsterdã, na tipografia da viúva J. V. Zomeren. O título era este: “O Novo Testamento Isto he o Novo Concerto de Nosso Fiel Senhor e Redemptor Iesu Christo traduzido na Língua Portuguesa”. Pelas conclusões de Cadafaz de Matos,<sup>7</sup> tudo indica que, na época, já havia uma tipografia em Batávia! Ao que parece, o desejo de “editar” ou supervisionar o projeto levou a uma publicação longe do tradutor, perto dos patrocinadores do projeto. Diante disso, fica difícil dizer até que ponto “Almeida” é, de fato, a obra solo de João Ferreira A. de Almeida. O que se sabe com certeza é que a primeira edição saiu com um resumo do capítulo e com referências nas margens, exatamente como aparecia na mais recente edição da Bíblia holandesa.

Não se sabe a tiragem dessa primeira edição, a *editio princeps* de 1681, mas calcula-se que não passava de mil exemplares.<sup>8</sup> Isto porque a terceira edição, de 1712, foi de apenas 1250 exemplares.<sup>9</sup>

<sup>5</sup> Ibid., p. 103.

<sup>6</sup> Paul W. SCHELP, “A Comissão Revisora Tem a Palavra”, *A Bíblia no Brasil*, vol. VIII, n° 28, abril, maio e junho de 1955, p. 5.

<sup>7</sup> CADAFAZ DE MATOS, p. LXV.

<sup>8</sup> Pelo que se sabe, existem exemplares da *editio princeps* apenas na Biblioteca do Museu Britânico e na Biblioteca Nacional de Lisboa. HALLOCK & SWELLENGREBEL, p. 25.

<sup>9</sup> David Lopes, citado por Paul W. Schelp, “A Comissão Revisora tem a palavra”, *A Bíblia no Brasil*, vol. VIII, n° 28, abril, maio e junho de 1955, p. 5.

Essa primeira edição foi, a rigor, uma decepção, pois estava crivada de erros tipográficos. Em outras palavras, Almeida surgiu como uma tradução em necessidade de revisão! Acontece que o tipógrafo encarregado da composição do original não dominava a língua portuguesa.<sup>10</sup> No prefácio da 4ª edição do Novo Testamento (1773), o Rev. João Mauritz Mohr escreve:

Os erros que nesta impressão ocorrem, são quasi innumeraveis, por não aver quem, na lingoa Portuguesa bem visto, entãõ a ella assistia como Corrector, para rever as Provas ou as impressas primeiras folhas, e emendar suas erratas, como convinha: do que o Reverendo Traductor desta Versãõ muito se queixou na sua advertencia, que publicou em Batávia a o 1. de Janeiro de 1683, com a qual vae acompanhado hum Indice muy largo de mais que mil erros, sem contar aquelles que pelo Reverendo Ferreira mesmo não foraõ marcados, e que o numero de mil mais que huã vez sobrepassaõ.<sup>11</sup>

Pouco ou nada se sabe do processo de tradução em si.<sup>12</sup> O texto grego do Novo Testamento disponível naquele momento era o assim-chamado *textus receptus* (“texto recebido”), mais especificamente a segunda edição publicada pelos irmãos Elzevir em 1633. Além do original, Almeida teve acesso a outras traduções. A rigor, mais importante do que fidelidade absoluta ao original grego era a necessidade de acesso à Palavra de Deus em “língua vulgar”, para ficar com a expressão usada pelo próprio Almeida. Em outras palavras, o mais importante era a fidelidade ao leitor. Na palavra “Ao Discreto Leitor”, em *Diferencia da Christandade*, Almeida, diante da falta de uma Bíblia Portuguesa, remete o leitor do opúsculo à Versão Castelhana da Sagrada Escritura. Afinal, poder conferir tudo na Bíblia fazia parte da argumentação de Almeida! E então ele acrescenta o seguinte:

Até que, mediante o *divino favor*, acabe de alimpar, e bem conferir com o texto Original, huã Traduçãõ d’o *Novo Testamento* que, ja vae por alguns annos, tenho preparada; e o mais presto, que puder, pretendo fazer sair a *Luz*. Como tambem (dando me *Deus* nosso Senhor vida, tempo, e saude ...) espero em poucos annos fazer o mesmo com o *Velho*, e darvos assi em

---

<sup>10</sup> CADAFAZ DE MATOS, p. LXVIII.

<sup>11</sup> Paul W. SCHELP, “A Comissão Revisora tem a palavra”, *A Bíblia no Brasil*, vol. VIII, nº 28, abril, maio e junho de 1955, p. 5.

<sup>12</sup> Segundo HALLOCK & SWELLENGREBEL, p. 91, “[n]ão encontramos muitas informações nas atas do Concílio da igreja quanto aos métodos e recursos que Almeida usou no seu trabalho de tradutor. .... Problemas administrativos como impressão, distribuição, discussão com as autoridades, ocupam mais espaço nas atas do que discussões ou relatórios sobre a tradução em si mesma e questões relacionadas ao texto”.

breve toda a *Escritura Sagrada* em vossa propria *Lingua*. Que he a maior *dadiva*, e o mais precioso *tesouro*, que nunca ninguem, que eu saiba, ate o presente vos tenha dado.<sup>13</sup>

## A CONCLUSÃO DA BÍBLIA PORTUGUESA: TRADUÇÃO DO ANTIGO TESTAMENTO

Fica claro que, uma vez concluído o Novo Testamento, Almeida se pôs a traduzir o Antigo Testamento. As informações daquela época não dizem se Almeida também sabia hebraico.<sup>14</sup> Quando de sua morte, em 1691, na idade de 63 anos, Almeida tinha traduzido mais ou menos 90% do Antigo Testamento; deixou a tradução à altura de Ezequiel 48.21.<sup>15</sup> Quem concluiu o trabalho foi Jacobus op den Akker, um outro missionário holandês em Batávia.<sup>16</sup> Parece claro o português não era sua língua-mãe.<sup>17</sup> A tradução estava concluída três anos depois, isto é, em 1694. No entanto, levaria mais meio século até que o Antigo Testamento fosse publicado, em dois volumes: tomo um, em 1748; tomo dois, em 1753.<sup>18</sup> A Bíblia em um único volume só foi publicada em 1819.

Esse texto, que foi revisado várias vezes, passou a ser publicado, tanto na Europa (Londres e Portugal), quanto no Brasil, e constitui o que se convencionou chamar de Almeida Revista e Corrigida (ARC).

### O “LEITOR MODELO” DE ALMEIDA

Almeida, com certeza, fez a tradução para atender às necessidades imediatas de seu ministério no Oriente. Mas tinha os olhos voltados para a realidade de seus compatriotas europeus. É o que fica bem claro também na Introdução de *Diferencia da Christandade*, onde Almeida lamenta o fato de ainda não se ter a Sagrada Escritura em língua vulgar. Dirigindo-se ao leitor português, Almeida reconhece que Portugal era

... em tudo o demais, uma *Nação* tão prudente, generosa, magnânima, belicosa, heróica, nobre, primorosa, célebre, laboriosa, e inquiridora, que chegasse, dela, o nosso Príncipe dos Poetas, Luis de *Camões*, falando com seu Rei, a publicamente apregoar,

*Tendes, Rei, por derradeiro;  
Em ser Rei de tal Nação,  
Que de todo o Mundo inteiro.*<sup>19</sup>

<sup>13</sup> CADAFAZ DE MATOS, p. 26-27.

<sup>14</sup> HALLOCK & SWELLENGREBEL, p. 93.

<sup>15</sup> A Comissão Revisora que trabalhou na Almeida Revista e Atualizada refez, em parte, a caminhada de Almeida: decidiu revisar Ezequiel por último.

<sup>16</sup> HALLOCK & SWELLENGREBEL, p. 97.

<sup>17</sup> CADAFAZ DE MATOS, p. XCIX, é categórico em afirmar isso.

<sup>18</sup> CADAFAZ DE MATOS, p. LXX.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 24-25. A ortografia, neste caso, foi atualizada.

Mas a isso Almeida contrasta o pouco interesse pela salvação eterna, chamando seus compatriotas de “*acanhados, cobardes, negligentes, tíbios, e pouco zelosos*”. E pergunta, espantado:

Não é isto dardes claras mostras de não *ser* o que *pareceis*, nem *parecer* o que Sois? Que seja possível que não haja já hoje, em toda nossa Europa, a *Mínima Nação*, que em sua própria *Língua Materna* não tenha já *impresa* toda a *Escritura Sagrada*; e que só a *Portuguesa* não tenha inda na *sua impresso* nem ainda um só *Evangelho*? E só ela, entre tantas, careça de um tamanho, inefável, incompreensível, e salutário Bem! Que seja esta *Nação*, em tudo o demais, uma das *Primeiras* e *Principais*, e no que sobre tudo mais lhe importa, chegue a tanta miséria, que ela só venha a ser a *Última* e a *Ínfima*!<sup>20</sup>

Almeida conclui, um pouco adiante, desejando que se cumpra, também no caso de Portugal, o dito de Cristo, de que os primeiros serão últimos, e os últimos, primeiros!

## O DOMÍNIO LINGÜÍSTICO E O ESTILO DE ALMEIDA

Almeida tem um estilo elegante e revela amplo domínio lingüístico. Aliás, seu português está mais próximo do português brasileiro (ou, melhor, nosso está mais próximo do dele) do que do português de Portugal. Alguns detalhes me chamaram a atenção. Muitas vezes Almeida suprime o artigo definido onde nós não o faríamos. Além disso, ele escreve “cousa”,<sup>21</sup> usa “vós outros”,<sup>22</sup> e tem “aonde” em lugares onde a norma culta da língua portuguesa atual requer “onde”.<sup>23</sup> Algumas destas palavras voltam mais adiante, ao se falar do processo de atualização da tradução no Brasil.

Para benefício de quem ainda não teve maior contato com o estilo de Almeida, segue uma afirmação dele a respeito da Bíblia:

a ... *Escritura Sagrada*, por ser a *Palavra de Deus* divinamente inspirada, tem de si mesma bastantíssima *autoridade*, e contém sufficientissimamente em si toda a *doutrina* necessária para o *culto* e *serviço* de Deus e nossa própria *salvação*, como mui claramente o ensina S.Paulo, ... dizendo, “Desde tua meninice sabes as letras sagradas ...”<sup>24</sup>

<sup>20</sup> CADAFAZ DE MATOS, p. 25.

<sup>21</sup> Como em “cousa mui abominável a Deus” (CADAFAZ DE MATOS, p. 55).

<sup>22</sup> Como nesta citação de Mt 7.15 – “Guardai-vos dos falsos Profetas, que vem [sic] a vós outros com vestidos de ovelhas” (CADAFAZ DE MATOS, p. 193). Esse “vós outros” não aparece em ARC.

<sup>23</sup> Como em “aonde a semelhança é tanta” (CADAFAZ DE MATOS, p. 131).

<sup>24</sup> CADAFAZ DE MATOS, p. 37-38.

Além disso, colecionei as seguintes frases:

... nem tudo o que luz é ouro; ... nem tudo o que negreja é carvão, nem nós somos tão feios, como os sacerdotes papísticos nos pintam ... (p. 48-49);

... que *quem faz um cesto, fará cento* (p. 59);

... confessava a boca cheia .... nega ... a pés juntos (p. 161);

... desde lá de riba dos Céus ... (p.171).

Manuel Cadafaz de Matos conclui que “este português foi sem dúvida um dos autores de maior sucesso editorial em todo o Extremo Oriente lusófono e holandês da História Moderna”.<sup>25</sup> Outros afirmam, não sem razão, que a tradução de Almeida é o maior e mais interessante documento para se estudar a língua portuguesa do século XVII.

### A SEGUNDA EDIÇÃO DE 1693

A segunda edição do Novo Testamento foi composta, como consta no frontispício, na cidade de Batávia, em Java Maior, por João de Vries, “impressor da Ilustre Companhia desta nobre cidade”, no ano de 1693. Na segunda página consta:

Esta segunda impressão do S.S. Novo Testamento emendada e na margem augmentada com os concordantes passos d’a Escritura Sagrada, a luz saiu por mandado e ordem d’o Supremo Governo d’a Illustre Companhia d’as Unidas Provincias na India Oriental, e foi revista com aprovação d’a Reverenda Congregação Ecclesiastica d’a cidade de Batavia, pelos ministros pregadores d’o sancto euangelho na Igreja d’a mesma cidade – Theodorus Zas, Jakobus op den Akker.

Fica claro que houve revisão. Uma das características da edição de 1693 é a colocação dos verbos no final da frase. Isto se pode ver, por exemplo, na comparação entre a seção introdutória de Atos, capítulo 1, na *editio princeps* e a segunda edição de 1693. A introdução de 1681 reza assim:

---

<sup>25</sup> CADAFAZ DE MATOS, p. CI.

## ACTOS DOS S. APOSTOLOS ESCRITOS PELO EUANGELISTA S. LUCAS

### Capitulo I

1 Com hum prologo junta Lucas este seu segundo livro com seu Euangelho.  
... 4 Lhes manda que esperassem em Jerusalem a promessa do Espirito sancto.  
6 Responde a pergunta d’elles quando restaurara o reyno a Israel.  
....

Na segunda edição, de 1693, esse mesmo texto aparece assim:

## ACTOS DOS S. APOSTOLOS ESCRITOS PELO EUANGELISTA S. LUCAS

### Capitulo I.

1 Prologo de S. Lucas com que este seu segundo livro a seu Euangelho une. ... 4 Manda lhes que em Jerusalem a missaõ do Espirito sancto esperem.  
6 Responde lhes a pergunta de quando o Reyno a Israel restauraria.

Quem foi responsável por essas “adequações”? Poderia ser pura e simplesmente o dedo dos revisores. É o que pensava Schelp, que estava “seguro que Almeida não foi o responsável pela colocação do verbo no fim de cada sentença”.<sup>26</sup> Almeida já era, então, um homem idoso e viria a falecer antes da publicação da segunda edição. Por outro, conhecendo o que se conhece de Almeida, dificilmente se teria feito algo sem o consentimento dele. A questão fica, portanto, em aberto.

A comparação entre as duas primeiras edições é dificultada pela momentânea falta de acesso ao texto completo da *editio princeps* de 1681. Mas, alguns poucos textos da *editio princeps* estão disponíveis. Hallock & Swellengrebel reproduzem duas páginas, trazendo Mateus 2.1-13 e Atos 1.1-6.<sup>27</sup> O lado bom disso é que o objeto de nossa investigação já aparece delimitado.

## MATEUS 2.1,2,11 NA EDITIO PRINCEPS E NA EDIÇÃO DE 1693

Do texto de Mateus 2.1-13, na *editio princeps* de 1681, selecionamos apenas os versículos 1, 2, e 11. As traduções alternativas, que aparecem à margem, foram inseridas no texto, entre colchetes:

1 E sendo Jesus ja nacido em Bethlehem de Judea, em dias d’el Rey Herodes, eis que vieraõ [huns] Magos [ou, Sábios] do Oriente a Jerusalem.  
2 Dizendo, aonde he o nacido Rey dos Judeos? Porque vimos sua estrella em Oriente, e viermos a o adorar.

---

<sup>26</sup> B.P. BITTENCOURT, *O Novo Testamento: Cânon – Língua – Texto*. São Paulo: ASTE, 1965, p. 213.

<sup>27</sup> HALLOCK & SWELLENGREBEL, p. 59.

11 E entrando na casa, acháráo a o menino, com sua Mãe Maria, e prostrandose o adoraráo. E abrindo seus Thesouros, lhe ofereceráo dons, ouro, e encenso, e mirra.

Uma comparação entre esse texto da *editio princeps* com a segunda edição de 1693, levando-se em conta também a Vulgata, a Bíblia del Oso, de 1569, a King James Version, e edições posteriores de Almeida, notadamente a ARC e a ARA, revela o seguinte:

No versículo um, a primeira edição tem “Magos”, e traz “Sábios” como alternativa. Fica difícil dizer qual poderia ter sido a origem da alternativa “sábios”, uma vez que a tradução por “magos” é tão natural, à luz do grego “mágoi” e do latim “magi”. Interessante é que a edição de 1693 optou por sábios; depois voltaria a magos, como ainda é hoje.

O colchete em [*huns*] acabaria desaparecendo, ficando o itálico, na ARC.

A ARC, ao traduzir “no tempo do rei Herodes”, afasta-se da equivalência formal estrita; ARA volta ao que está no original e nas duas primeiras edições: “em dias do rei Herodes”.

Chama a atenção a ordem das palavras em “vieram *uns* magos”, que aparece nas primeiras duas edições e na ARA. A ARC traz uma ordem que é mais natural: “uns magos vieram do Oriente a Jerusalém”. Tanto em grego quanto em latim o sujeito aparece, neste versículo, antes do verbo. Se Almeida foi influenciado por alguém, a única candidata é a KJV: “there came wise men from the east”.

No versículo 2, a formulação da *editio princeps* soa estranha: “aonde é o nascido rei dos judeus”? A edição de 1693 diz “Aonde está o Rey d’os Judeos [*novamente*] nacido”? Esta forma “onde está ...”? acabaria se impondo. No entanto, o que mais chama a atenção na edição de 1693 é aquele “novamente” inserido entre colchetes e marcado com itálico. “Novamente” deve ter o sentido de “recentemente”, e foi abandonado em edições posteriores. Será que foi incluído na edição de 1693 por influência da tradução de Lutero? Lutero traduziu assim: “Wo ist der neugeborene König der Juden?”. Em todo caso, a formulação “recém-nascido”, que aparece em ARA, tem precedente no Almeida antigo, e não é necessariamente influência de algum revisor luterano que fez parte da comissão que trabalhou em meados do século XX.

No geral, neste versículo 2, a ARC está mais próxima do grego (e da Vulgata) do que qualquer outra: “onde está aquele que é nascido rei dos judeus”? A Vulgata diz assim: *Ubi est qui natus est rex Iudaeorum?* (onde está o que é nascido rei dos judeus?).

No versículo 11, chama a atenção que Mãe tinha caixa alta na *editio princeps*. A edição de 1693 é protestantemente correta: “mãe” em caixa

baixa. (Na terceira edição de 1712, volta Mãe, em caixa alta. Aliás, esta edição é praticamente idêntica à de 1681.) Igualmente, as duas primeiras edições colocam “com sua mãe Maria”. A Bíblia del Oso tem “con su madre Maria”. A ordem do grego é outra: “com Maria a mãe dele”. A Vulgata segue o grego: “cum Maria matre eius”. ARC e ARA aproximam-se do texto grego e se afastam das edições do século XVII: “com Maria, sua mãe”.

Dons (*editio princeps*, 1693), dádivas (ARC) ou ofertas (ARA)? Bíblia del Oso tem “dones”.

## OUTRAS REVISÕES DE ALMEIDA

Almeida é um texto que, como vimos, foi revisado antes de ser publicado e, quando publicado, já necessitava de imediata revisão. Segundo o Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, o texto da Almeida havia sido revisado umas oito vezes antes da revisão e atualização (ARA) feita, no Brasil, em meados do século XX.<sup>28</sup> No entanto, houve, a rigor, duas grandes revisões, antes da atualização no Brasil.

Depois da terceira edição do Novo Testamento, em 1712, foi feita a primeira grande revisão, ainda na ilha de Java. Membros da comissão (ou dupla) revisora eram os pastores Mohr e Behmer, para o Antigo Testamento, e o pastor Mohr e outro colega anônimo, para o Novo. O Antigo Testamento saiu do prelo em 1753, o Novo, em 1773. Esta é, pois, a revisão do século XVIII. No Prefácio dessa edição, o Rev. Mohr explica como foi feita a revisão:

Huã nova Revista e collação destes S.S. Livros com o Texto Original, sem duvida era o primeiro e principal requisito para isso, o que também em casos duvidosos observei constantemente; avendo tambem em semelhantes casos ás vezes consultado as Versões de outras lingoas, e entre ellas a nova Versão Hollandeza ou Belgica de 1618 & 1619, a Versão Alemã de Luther, e a Castelhana de Cypriano de Valera de 1602, da qual (como também da Belgica) o Reverendo Traductor (Almeida) usou freqüente e felizmente, por merecerem ellas entre as melhores o primeiro lugar.<sup>29</sup>

Uma segunda revisão, chamada de “revisão de Londres”, foi feita cem anos mais tarde, entre 1869 e 1875. Relata Paul W. Schelp:

---

<sup>28</sup>Rodolfo Garcia NOGUEIRA, “Traduções em Português e a Bíblia Revista e Atualizada”. *Teses Apresentadas no II Congresso Nacional da Bíblia*. Sociedade Bíblica do Brasil, 1979, p. 179.

<sup>29</sup>Paul W. SCHELP, “Discurso proferido quando foi celebrado o término da revisão da Bíblia de Almeida” in *Igreja Luterana* 17 (1956), p. 195.

Em 1868 João de Graça, professor da Academia nos Açores (sic), revisou os Salmos, e Manoel Soares e R. B. Girdlestone, superintendente editorial da Sociedade Bíblica em Londres, fizeram a revisão da Bíblia toda em 1869-1875. Ainda não consegui obter informação mais minuciosa sobre esta revisão e não sei como foi realizada.<sup>30</sup>

Vinte anos depois, em 1894, ainda em Londres, o mesmo texto foi corrigido quanto à ortografia, sem falar que alguns termos obsoletos foram substituídos. Esse trabalho foi feito por R. Stewart, um certo Sr. Chaves e mais três portugueses. Outra pequena revisão ortográfica foi feita em 1916, por uma pequena comissão em Portugal. Esses textos de Almeida que foram distribuídos no Brasil pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira.

A mais recente revisão do texto da ARC foi feita, no Brasil, em 1995. Alguns termos obsoletos e mal-sonantes foram substituídos, sem falar que o título SENHOR entrou no lugar de Jeová, que é uma corruptela do nome de Deus.

### **A ATUALIZAÇÃO DE ALMEIDA, NO BRASIL**

A Bíblia de Almeida foi revisada e atualizada no Brasil em meados do século XX, e passou a chamar-se Almeida Revista e Atualizada. Esta é, por assim dizer, “a Almeida brasileira”. Foi, segundo Paul W. Schelp, a terceira grande revisão de Almeida.<sup>31</sup>

Entre as razões para se fazer essa revisão, cabe registrar dois depoimentos. Um, do período inicial da revisão; outro, quando o trabalho estava concluído.

No início de 1949, o Rev. George Upton Krischke, ao discorrer sobre “A Bíblia Portuguesa”, concluía seu artigo com as seguintes palavras:

Tem o monumental trabalho de J. F. de Almeida, nestes dois e meio séculos passados, sido vítima de correções e revisões, as quais em muito hão desfigurado a linguagem primitiva do seu autor. Procurando reparar essas injustiças, atualizar a Bíblia de Almeida, no que respeita a ortografia, e corrigir erros flagrantes de tradução, determinaram, em 1944, os diretores das Sociedades Bíblicas Britânica e Americana entregar a uma comissão de nacionais e estrangeiros ... a importante tarefa de uma revisão autorizada da Bíblia de Almeida, visto ser a mais difundida, tanto no Brasil como em Portugal.<sup>32</sup>

<sup>30</sup> Idem., p. 195.

<sup>31</sup> Idem, p. 198.

<sup>32</sup> George Upton KRISCHKE, “A Bíblia Portuguesa”, *A Bíblia no Brasil*, Janeiro, Fevereiro e Março de 1949, número 3, p. 45.

Já em seu Discurso, no dia em que a revisão foi dada por concluída, o Dr. Schelp argumentava assim:

Oitenta anos então passaram sem qualquer revisão; e quem é entre nos (sic) que não sabe como qualquer língua viva sofre mudanças, cunha palavras e forma diferentes frases idiomáticas, principalmente quando essa língua é falada por um povo de imaginação viva e alerta como a do brasileiro?<sup>33</sup>

### O PROCESSO DA REVISÃO

As diferentes etapas dessa revisão, bem como o propósito e o processo estão razoavelmente documentados. Em geral, são relatórios de membros da Comissão Revisora, tanto do Dr. Schelp quanto do Rev. Antônio de Campos Gonçalves, publicados em *A Bíblia no Brasil*.<sup>34</sup>

Quanto ao processo em si, quem o descreve é o Rev. Rodolfo Garcia Nogueira:

A Secretaria da Comissão Revisora preparou o material de trabalho: cadernos de folhas soltas de papel forte, onde se colaram páginas do texto original, da versão de Figueiredo, da Versão Brasileira, da versão de Almeida (recensão de Londres), e ainda sobrando larga margem em branco para as notas dos revisores. (...) Depois de os revisores terem lançado suas observações, glosas, modificações ou novas redações próprias, esse acervo todo era lido pela sub-comissão de redação que procurava dar forma às sentenças e mimeografava com espaço 3 as folhas que eram encaminhadas aos consultores (cerca de vinte), que em seus gabinetes escreviam nas entrelinhas notas e corrigendas. Essas folhas assim anotadas voltavam à Comissão Revisora reunida em plenário, com todos os seus membros, e o texto depois de novo exame era afinal aprovado para ser impresso.<sup>35</sup>

### O INÍCIO, EM 1943

A decisão de revisar o texto de Almeida foi tomada numa reunião em abril de 1943, no Rio de Janeiro. Recomendou-se, naquela ocasião, às entidades componentes das Sociedades Bíblicas Unidas, então vigentes,<sup>36</sup>

---

<sup>33</sup> SCHELP, “Discurso”, p. 196. Nota-se que o estilo de Schelp, um norte-americano radicado do Brasil, não teve nenhuma influência sobre a linguagem de ARA.

<sup>34</sup> Pelo menos a partir de 1953, se não antes, a revista *A Bíblia no Brasil* publicava uma coluna intitulada “A Comissão Revisora Tem a Palavra”. Antes disso, o título era simplesmente “Comissão Revisora”.

<sup>35</sup> NOGUEIRA, p. 179-180.

<sup>36</sup> A rigor, eram a Sociedade Bíblia Americana (ABS) e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (BFBS). Três anos depois de iniciada a revisão, foi criada a Sociedade Bíblica do Brasil (1948).

a revisão da tradução de Almeida, tendo por base a recensão de Londres (1869-75). Essa decisão não foi automática, ou seja, havia outras opções. O Rev. Gonçalves, após observar que “em 1917, passaram a correr no Brasil três versões: Almeida, Figueiredo e Brasileira” e que “a simultaneidade destas facilitou o exame e confronto, não só do texto e sua fidelidade, mas também da linguagem, sua gramática, sua vernaculidade, número, música e estilo”, acrescenta o que segue:

Do exame, natural, decorrente do que se tinha pelo número de exemplares vendidos de cada uma das traduções e do comentário espontâneo dos entendidos em assuntos desta natureza, vingou a decisão de se revisar o Almeida no seu texto, atualizá-lo em sua linguagem e ortografia as palavras, e dar-lhe preferência para acudir às necessidades do Brasil atualmente, no tocante à Bíblia, sua leitura e proveito do povo.<sup>37</sup>

Outro membro da Comissão Revisora, o Dr. Schelp, teve gosto na decisão de se revisar o texto de Almeida. O que Schelp considerava importante era o fato de ser esta uma tradução que tinha uma história atrás de si.<sup>38</sup>

## A COMISSÃO REVISORA

Segundo o relato de Gonçalves, foi constituída, em 1943, uma Junta Consultiva, de 21 membros, e uma Comissão Revisora, que, em 1948, era formada por 17 ministros, repartidos em dois grupos: helenistas (Novo Testamento) e hebraístas (Antigo Testamento).<sup>39</sup> Quem iniciou e organizou a revisão da Bíblia foi Charles W. Turner, secretário da Sociedade Bíblica.<sup>40</sup> A Comissão Revisora elegeu um Secretário e relator, o Rev. Gonçalves, vernaculista de renome. A primeira reunião da Comissão Revisora, que na época tinha uns 30 membros, aconteceu no Rio de Janeiro, a 5 de julho de 1944.<sup>41</sup> O trabalho em si começou apenas em 1946. A Comissão Revisora

<sup>37</sup> Antônio de Campos GONÇALVES, “Almeida, continua no Brasil”, *Igreja Luterana* 20 (1959), p. 127. Figueiredo tinha a desvantagem de ser tradução feita da Vulgata.

<sup>38</sup> Paul W. SCHELP, “Almeida, der portugiesische Bibelübersetzer”, *Evangelisch-Lutherisches Kirchenblatt* 44, 1. November 1954, p. 181.

<sup>39</sup> Além destes, havia ainda um terceiro grupo, o dos vernaculistas. Entre eles estavam os reverendos Matias Gomes dos Santos, Galdino Moreira, Rodolfo Nogueira, Cinésio Lira, J. Ramos, Dr. Antônio Almeida, e Dom Egmont Kriskche. A presidência era do Bispo César Dacorso Filho. SCHELP, “Discurso proferido quando foi celebrado o término da revisão da Bíblia de Almeida”, *Igreja Luterana* 17 (1956), 196.

<sup>40</sup> SCHELP, “Discurso”, p. 194. O Rev. Turner faleceu antes da conclusão da revisão em 1956. Depois a Comissão Revisora passaria a ser liderada pelo presidente da SBB.

<sup>41</sup> NOGUEIRA, p. 178.

se reunia, de ordinário, duas vezes por ano, “por oito dias, dez, e às vezes mais, seguidamente”.<sup>42</sup>

## **O NOVO TESTAMENTO, EM 1951**

Em 1948, já circulava o evangelho de Mateus. Em 1951, ano em que a SBB foi aceita como membro integrante das Sociedades Bíblicas Unidas, o Rev. Ewaldo Alves, então Secretário Executivo da SBB, prestou o seguinte relatório:

É com imensa alegria que a Sociedade Bíblica do Brasil entrega, depois de cinco anos de esforços, o Novo Testamento em nova revisão. Diversas denominações evangélicas contribuíram para o êxito desse empreendimento, através de dezessete ministros, escolhidos dentre a elite cultural do evangelismo pátrio. Tornaram-se ele, a nós os leitores da Santa Palavra, os credores de nossa imorredoura gratidão.<sup>43</sup>

O texto base da revisão foi a 16ª edição do texto grego editado por Erwin Nestle. Esse texto, é bom que se registre, foi sendo reimpresso sem alterações até o surgimento da 26ª edição, em 1979.

## **A ATUALIZAÇÃO DO ANTIGO TESTAMENTO**

Em julho de 1953 foi decidido que dois membros da Comissão Revisora, o Dr. Paul William Schelp, biblista, e o Rev. Antônio de Campos Gonçalves, vernaculista, deveriam trabalhar em regime de tempo integral, para que a revisão do Antigo Testamento pudesse ser concluída o mais brevemente possível, isto é, em dois anos. Tal decisão foi resultado da presença do Dr. Eugene A. Nida no Brasil, naquele ano.<sup>44</sup>

## **21 DE SETEMBRO DE 1956**

Em 1956, após treze anos de trabalho, a revisão da Bíblia de Almeida estava concluída. Para ser exato, o trabalho foi dado por encerrado no dia

---

<sup>42</sup> Antônio de Campos GONÇALVES, “Comissão Revisora”, *A Bíblia no Brasil*, vol. 1, nº 2, outubro, novembro e dezembro de 1948, p. 27.

<sup>43</sup> Ewaldo ALVES, “Relatório Apresentado pelo Secretário Executivo”, *A Bíblia no Brasil*, vol. 3, nº 4, abril, maio e junho de 1951, p. 10. No número seguinte da mesma Revista (vol. 4, nº 1, julho, agosto e setembro de 1951, p.13), noticia-se que estava saindo do prelo “o livro mais esperado pelos evangélicos nacionais – o Novo Testamento de João Ferreira de Almeida, Revisão Autorizada (sic)”. Afirma-se que o livro era resultado de mais de seis anos de trabalho. Segundo o Rev. Nogueira, o subtítulo “Edição Revista e Autorizada”, que aparecia na primeira edição do NT, foi muito criticado, especialmente em Portugal. Perguntava-se: “Autorizada, por quem?” Por isso, o subtítulo foi abandonado. (NOGUEIRA, p. 181)

<sup>44</sup> “Relatório do Secretário Executivo à Diretoria da SBB”. *A Bíblia no Brasil*, vol. VI, nº 22, outubro, novembro e dezembro de 1953, p. 4.

21 de setembro de 1956, exatamente às 11h35min. O Dr. Schelp, que era professor do Seminário Concórdia de Porto Alegre, relata que, quando ele terminou sua tarefa, o Coral do Seminário veio à sua janela e entoou “Louvado seja Deus!” Já o Rev. Gonçalves, em carta escrita a Schelp, confessava que, concluída sua revisão, “fechou a janela do quarto, leu em voz alta alguns Salmos, cantou uma doxologia e, de alegria, começou a chorar”.<sup>45</sup>

## A PUBLICAÇÃO DE ARA

No final de 1956, o texto de ARA já se achava na gráfica. A primeira edição seria de 100 mil exemplares.<sup>46</sup> Só que a publicação acabaria levando mais tempo. Em meados de 1958 aparece uma notícia nos seguintes termos: “Já foi iniciada, em São Paulo, a impressão da primeira Bíblia revisada e, jubilosos, esperamos entregá-la ao evangelismo pátrio, até o fim do corrente ano”.<sup>47</sup> Esse “fim do corrente ano” acabaria sendo maio de 1959.<sup>48</sup>

Desde 1959, Almeida Revista e Atualizada tem recebido retoques aqui e ali, nas mãos da Comissão Permanente de Revisão e Consulta, que foi constituída após a dissolução da Comissão Revisora. Não consta haver registro detalhado de todos os ajustes que foram feitos ao longo dos anos. Em 1993, após concluída outra dessas “mini revisões”, decidiu-se publicar o texto como “segunda edição”.<sup>49</sup>

## A NATUREZA DA ATUALIZAÇÃO: PREOCUPAÇÕES E PRINCÍPIOS

Num texto escrito em 1959, ano em que ARA finalmente viria a ser impressa, Gonçalves mais uma vez expressava que o objetivo era uma redação final “condizente com o texto original (Kittel e Nestle pai, como assentado) e a língua portuguesa atualizada, o mais possível, conservando também o mais possível da expressão do Almeida”.<sup>50</sup> E acrescentava:

<sup>45</sup> Paul W. SCHELP, “Die neue Almeida-Bibel”, *Evangelisch-Lutherisches Kirchenblatt* 46, dezembro de 1956, p. 204. Schelp também comenta que o trabalho não precisaria ter levado tanto tempo. Surgiram, segundo ele, vários tipos de dificuldades, a respeito das quais ele não queria entrar em maiores detalhes. O detalhe, aparentemente insignificante, de ler os Salmos em voz alta ganha destaque à luz dos princípios adotados na revisão, que serão apresentados mais adiante.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 205.

<sup>47</sup> *A Bíblia no Brasil*, vol. XI, nº 40, abril, maio e junho de 1958, p. 4.

<sup>48</sup> Antônio de Campos GONÇALVES, “Almeida, continua no Brasil”, *Igreja Luterana* 20, 1959, p. 126. O Prof. Walter O. Steyer, que conhecia muito bem o Dr. Schelp, informou, através de um relato oral, que, entre outras razões, a publicação foi sendo adiada pela falta de “papel Bíblia”, no Brasil, naquele tempo.

<sup>49</sup> Um exemplo de tal revisão é Ezequiel 34.14. ARC tem “pastos gordos”. ARA<sup>1</sup> tinha “pastos pingues”, que deixava o leitor a imaginar que pastos seriam aqueles. Em ARA<sup>2</sup> passou a ser “pastos bons”.

<sup>50</sup> Antônio de Campos GONÇALVES, “Almeida, continua no Brasil”, *Igreja Luterana* 20 (1959), p. 127.

Coisa difícil foi esta. Atualizar a linguagem, até abraçará-la seu tanto quanto não seria difícil; mas fazer isto sem perder muito do Almeida seria quase impossível. Três coisas deveriam aí conciliar-se: linguagem de hoje sem desnaturar certa linguagem bem antiga e tudo sem fugir ao original.<sup>51</sup>

O original, no caso, era a edição mais recente do texto hebraico e do texto grego: A Bíblia Hebraica Kittel, para o AT; e o texto editado por Nestle, para o NT. Tal decisão, é bom lembrar, trouxe consigo alterações no texto, em especial no NT, pois o texto de edições críticas modernas tende, aqui e ali, a ser mais breve do que o tradicional *textus receptus*. O que se acabou fazendo foi colocar esses acréscimos entre colchetes.

A conservação “o mais possível da expressão do Almeida” mantém o vínculo da atualização brasileira com a tradição Almeida, a começar pela ARC.

É claro, a maior novidade de ARA é a atualização ou o abraçaramento da linguagem. O objetivo era “linguagem de hoje sem desnaturar certa linguagem bem antiga”. A pergunta que segue ao natural é se é possível conciliar isso. Além do mais, em que sentido ARA tem uma “linguagem de hoje”? Com o surgimento da Bíblia na Linguagem de Hoje, tal expressão soa ainda mais estranha. Parece que se pensava mais em palavras atuais, ou seja, vocabulário não arcaico. O jeito de falar ou registro não é necessariamente atualizado no sentido de popular. Aliás, num texto escrito em 1953, Gonçalves mostra que não gosta do vulgar:

Revisão, sim, apenas revisão, mas cuidadosa, sensata, não só para retificar algum lapso de tradução do Almeida, ou dizer com mais clareza e não menos fidelidade o que nas edições anteriores se tem meio obscuro, mas ainda para atualizar a linguagem. Também não se pense que por atualização da linguagem se queira a introdução da frase vulgar, vestida de novidades, enxameada de palavras corriqueiras tomadas no campo da gíria assaz derramada entre nós. Não. O que se pretende é que a linguagem um tanto antiga do Almeida, posto que aceitável, se torne mais do nosso tempo e mais nossa, em tudo correntia e, porventura, mais clara na interpretação do que se tem no original.<sup>52</sup>

Na Apresentação da Edição Revista e Atualizada no Brasil lê-se que o objetivo era evitar “o demasiado vulgar como o demasiado acadêmico e

---

<sup>51</sup> Ibidem.

<sup>52</sup> Antônio de Campos GONÇALVES, “A Comissão Revisora Tem a Palavra”, *A Bíblia no Brasil*, nº 27, janeiro, fevereiro e março de 1953, p. 7.

literário”. Mesmo assim, o texto de ARA contém cerca de 8400 vocábulos, não considerados os nomes próprios. Isso vai bem além da média usada e conhecida pela maioria da população brasileira.<sup>53</sup>

Na prática, comparando ARA com ARC, pode-se afirmar que ARA difere de ARC em 30% do texto.<sup>54</sup> Já o Rev. Nogueira calcula que “do velho Almeida (recensão de Londres) restou cerca de 45 a 55%”.<sup>55</sup>

### LINGUAGEM ARCAICA

ARA eliminou muitas palavras e construções arcaicas que existem em ARC. Um exemplo simples é 2 Coríntios 1.4, onde ARC tem um texto que, em parte, lembra a construção da King James: “a consolação com que nós mesmos somos consolados de Deus”. ARA mudou a locução “de Deus” para “por Deus”, que é muito mais natural em português. Outro exemplo é 2 Coríntios 1.16, onde ARC dá a impressão de que Paulo esperava que os coríntios o levassem pela mão até à Judéia: “ser guiado por vós à Judéia”. ARA mudou para: “ser encaminhado por vós para a Judéia”.

Às vezes, no entanto, fica a impressão de que a revisão não foi fundo que chega. Palavras difíceis continuam no texto, quando não foram reintroduzidas, muitas vezes a partir do ‘velho Almeida’. Um exemplo é o verbo ἐλέγχω (“expor, convencer; reprovando, corrigir”), que, em 2 Tm 4.2, é traduzido por redarguir (“que ... redarguas”). ARA mudou isso para corrigir (“corrige”). Só que, em Mt 18.15, ocorreu o inverso. ARC tem “repreende-o”, que parece uma boa tradução, ao passo que ARA introduziu “vai argüi-lo”.

Outro exemplo de opção por um arcaísmo é o uso de “cousa” em lugar de “coisa”. Aliás, “cousa” é uma das marcas registradas da primeira edição de ARA. Almeida, no século XVII, como se viu acima, escrevia “cousa”. Embora um dicionário descreva “cousa” como uso informal (talvez por chegar mais perto da forma como de fato se pronuncia o termo, “cosa”), não resta dúvida que, em português brasileiro, não se usa mais “cousa”. ARC tinha “coisa”; a segunda edição de ARA (1993) mudou para “coisa”.

### DESAGRADOS CACOFÔNICOS, ISTO É, PREOCUPAÇÃO COM A ORALIDADE

Outra característica de ARA é o que se poderia chamar “operação morte aos cacófatos”. Num texto escrito em 1953, Gonçalves dizia:

<sup>53</sup> *A Bíblia no Brasil*, nº 87, julho, agosto e setembro de 1970, p. 3.

<sup>54</sup> Elizabeth M. EKDAHL, *Versões da Bíblia: Por que tantas diferenças?* São Paulo: Ed. Vida Nova, 1993, p. 104.

<sup>55</sup> NOGUEIRA, p. 181.

Todas as traduções em português, até aqui, oriundas de Sociedades Bíblicas, ou feitas por particulares, sofrem terrivelmente o mal dos cacófatos. A obra que se ultima [a saber, ARA] esperamos venha menos falha quanto a este pormenor.<sup>56</sup>

O que é um cacófato? Gonçalves explica com Rui Barbosa, na sua famosa Réplica: “Constitui-se, toda a gente o sabe, a cacofonia pelo som desagradável, ou pelo vocábulo ora feio, ora risível, ora indecente, que se forma da contigüidade entre duas palavras”.<sup>57</sup>

Agora, por que isso deveria nos preocupar? Em sua resposta a essa nossa pergunta, Gonçalves matou a charada e constatou algo de enorme significado:

A Bíblia lê-se individualmente, é verdade, no recesso do lar ...; lê-se com a mente, sem pronunciamento de palavras, mas também se lê em voz alta, cada um para si ou para muitos. Há pessoas que, ainda sozinhas, lêem as Sagradas Letras pronunciando audivelmente as palavras. No seio da família, tem-se por preciosa a hora quando se lê a Bíblia para todos de casa; ... Em se ouvindo a leitura dificilmente passará o cacófato sem que seja sentido. Conforme a sua categoria não trará nenhum prejuízo ao clima respeitoso, por vezes de meditação, que se respira; deles há porém, cuja natureza estraga realmente a pacificidade auditiva dos circunstantes. Imagine-se, ainda, a leitura bíblica da cátedra para alunos, ou da tribuna para o público, seja nalgum recinto, ou, pelo rádio, a milhares de rádiouvintes. Em qualquer destes lugares a leitura em voz alta, além da compreensividade, exige também a fluência e o agrado. Pode a linguagem ser compreensível e não ser fluente, pode ser compreensível e fluente e não ser agradável. ... Na leitura pública, ninguém sabe a natureza do ouvinte, sua sensibilidade auditiva, seu grau de respeito para com a leitura sagrada, sua receptividade cordial ou adversa. Quando se lê pode ouvir o intelectual profundo, o paciente mediano, o ímpio e o impio; até o analfabeto pode ouvir e não raro o faz com a possibilidade de criticar, como tantos. Muitos não saberão ler, talvez não o queiram ou não possam; todos, no entanto, poderão ouvir e ouvirão muitas vezes.<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> Antônio de Campos GONÇALVES, “A Comissão Revisora Tem a Palavra”, *A Bíblia no Brasil*, nº 27, janeiro, fevereiro e março de 1953, p. 7.

<sup>57</sup> *Ibid.*, p. 6.

<sup>58</sup> *Ibid.*, p. 6.

E essa questão dos desagradados cacofônicos, Gonçalves o sabia muito bem, era mais séria ainda no Brasil. Diz Gonçalves:

Hoje, mais do que outrora, e ao brasileiro mais que ao português, é certo que raramente passará o cacófato sem que o leitor perceba ... e isso com sério perigo para a solenidade da hora religiosa, cujo proveito, em vista disso se reduz.<sup>59</sup>

Gonçalves constatou serem em grande número os cacófatos que se encontram na tradução da Bíblia de João Ferreira de Almeida. Segundo ele, “andam aí por dois mil, na totalidade dos casos, os cacófatos da mais variada dissonância, mais ou menos graves, mais ou menos feios, alguns risíveis, outros ridículos, outros até sórdidos”.<sup>60</sup> A reação daqueles que não têm hipersensibilidade cacofônica é que houve exagero na dose do remédio. Como resultado, criou-se algumas construções complexas, muito mais difíceis do que em ARC. Uma espécie de consistência cega não é necessariamente o melhor caminho, por mais que se respeite o princípio e o objetivo que se tinha em vista.

Os exemplos que seguem foram dados pelo próprio Gonçalves:

- a) “Desde **então**”, Is 44.8; “vendo **então**”, Gn 40.16; “estava **então**”, Jr 36.22.
- b) “Teu nome **Jacó**”, Gn 32.28; “manda-**me já**”, 2Rs 4.22.
- c) “**Por comida**”, Is 62.8; “**por cada**”, Ez 45.24; “nem **chuva caia**”, 2Sm 1.21; “**volta tu também**”, Rt 1.15. Outro “tatu” foi eliminado do Pai-Nosso: “Seja **feita a tua vontade**” passou para “Faça-se a tua vontade”.
- d) “**Este tão grande**”, 1Rs 5.7; “consoante **tudo** o que”, Is 63.7; “o Senhor **te tinha** dado”, 1Sm 26.23; “a quem **ama a minha** alma”, Ct 1.7.
- e) “Da boca **cada um**”, Pv 13.2; “como **caco coberto**”, Pv 26.23.

Alguns deles, Gonçalves até se recusa a transcrever, por serem repugnantes. Entre as passagens que cita, estão Is 59.5 (“o que comer dos ovos deles morrerá; e, apertando-os, sai deles uma víbora”) e Gn 29.18 (“por Raquel”).

Outros, segundo Gonçalves, são menos ofensivos, e não puderam ser de todo evitados, entre os quais, “estação” (estas são), “tição” (estes são), etc. Conclusão: “Deixamo-los, é verdade, aqui e ali, uma vez ou outra, salteadamente, para não os condenar e abolir de vez”.<sup>61</sup>

<sup>59</sup> Ibid., p. 7.

<sup>60</sup> Ibid., p. 9.

<sup>61</sup> Ibid., p. 8.

## “ALICE” NA BÍBLIA DOS CACÓFATOS

Um caso interessante é ALICE. Trata-se da expressão **ali se**, que não é cacófato nenhum, “contudo se deve evitar pelo fato de a combinação aí formar nome próprio de mulher”.<sup>62</sup> Às vezes, dependendo do contexto, se atribui a “Alice” algumas ações curiosas. Exemplos: Ed 8.25 – “e todo o Israel que **ali se** achou” (ARA tem “e todo o Israel que se achou ali”). Is 34.15 – “**Ali se** aninhará a méloa e porá os seus ovos”. Trata-se, segundo Gonçalves, de expressão freqüente, na linguagem do Almeida. “De nossa parte, evitamo-la, sempre que nos foi dado fazê-lo”.<sup>63</sup>

Convém notar que todos os exemplos vêm do AT. De fato, escrevendo em 1953, Gonçalves, embora reconheça que o mesmo problema se faz sentir no Novo, declara que deixava de assinalar exemplos, no tocante a este, “porque já é obra feita e há mais de dois anos circula no Brasil”.<sup>64</sup>

Quanto me foi possível verificar, não há nenhum “ali se” na Almeida Revista e Atualizada. Nem mesmo no NT. E isso me traz a um texto do NT, diante do qual fico mais perplexo ainda à vista de uma observação de Gonçalves, citando o mestre Rui Barbosa, de que “quando a duas palavras se interpõe a pausa de uma vírgula, nunca jamais se poderá estabelecer entre elas cacófato”.<sup>65</sup> Só que em Lc 2.6, “estando eles **ali, se** cumpriram os dias” foi mudado para a difícil construção “estando eles ali, aconteceu **completarem-se-lhe** os dias”. Uma construção bem complicada.

E como ficam, diante disso, as palavras de Gonçalves de que o NT já estava em circulação há dois anos? Nada impede que, antes da publicação final, se fizesse uma revisão. E é exatamente o que se lê num artigo de Schelp. Segundo ele, em junho e julho de 1956 o Rev. Gonçalves dedicou-se, ao longo de três semanas, a uma nova revisão da linguagem do Novo Testamento, a fim de eliminar qualquer “rudeza” que, quiçá, tivesse passado incógnita.<sup>66</sup>

## “VÓS OUTROS” PARA NÃO SERDES “AVÓS”

Outra peculiaridade ou marca registrada de ARA é “vós outros”, que está de todo ausente de ARC. Parece influência do espanhol, mas não é. Minha suspeita era de que fosse para evitar a confusão com “a voz” ou “avós”, pois esse “vós outros” aparece apenas em expressões do tipo “a vós”, “para vós”, e “contra vós”, e nunca no caso das “entre vós” e “dentre

---

<sup>62</sup> Ibid., p. 7.

<sup>63</sup> Ibid., p. 8.

<sup>64</sup> Ibid., p. 9.

<sup>65</sup> Ibid., p. 9.

<sup>66</sup> Nessa afirmação, tentamos nos aproximar do estilo de Gonçalves. Só que a informação está em alemão, redigida por SCHELP, “Die neue Almeida-Bibel”, *Evangelisch-Lutherisches Kirchenblatt* 46, dezembro de 1956, p. 205. O propósito, segundo SCHELP, era “um etwaige Härten, die vielleicht unbemerkt geblieben waren, noch zu entfernen”.

vós”. Também é raro com o pronome “nós”. De fato, encontrei a expressão “nós outros” apenas quatro vezes em ARA: Jr 42.5; Lm 5.22; Lc 11.45; 1Co 10.11. Isto mostra que “vós outros” não se deve, em ARA, a qualquer influência castelhana, pois, do contrário, seria de se esperar o correspondente “nosotros”.

Quem explica o “vós outros” é o próprio Gonçalves, no mesmo texto escrito em 1953:

Avô, avó, avós, como palavras, nada têm de feio ... No entanto, não sendo **a vós** propriamente uma palavra, mas somente o som dela, e, portanto, alheia ao assunto da frase, necessário se torna que, para evitar alguma acepção aparente ou indiscreta, lhe anulemos tal possibilidade modificando a frase ou, como se recomenda, juntando a palavra **outros** ao pronome **vós**, vós outros. Citemos uma passagem, para exemplificar: Êxodo 24:14: “Esperai-nos aqui até que tornemos a vós”. Tudo certo e claro quanto à gramática; mas, pelo fato de a proposição terminar com **vós**, precedido de **a**, formou, para quem ouve, a palavra **avós**, plural de avô. E o assunto, posto que não é tratado na passagem, tem sentido, isto é, pode entender-se: ... até que fiquemos avós. ... Ora isto é assaz<sup>67</sup> freqüente na linguagem do Almeida na Bíblia. É certo que se devia remediar o caso. O remédio é normativo e é da lição dos bons escritores: juntar **outros** quando o assunto o permitir: vós outros. Apliquemo-lo aos exemplos tomados para explicação e tudo se remedia normalmente com sonoridade e clareza: Esperai-nos aqui até que tornemos a vós outros; ... De maneira que o **vós**, precedido de **a** ou palavra que termine em **a** (para, contra e outras) que, na pronúncia, se junte ao **vós**, o recurso fácil, natural e costumado é dizer **vós outros**. ... Este modo de falar vem desde a formação da língua, e não cessou até hoje. O próprio Almeida muitas vezes dele se valeu na sua tradução da Bíblia, e até em casos em que era dispensável: “Mas que fareis vós outros no dia ...”(Is 10:3), e muitos mais.<sup>68</sup>

Eis, portanto, a explicação que se dá a vós outros, da lavra do próprio Gonçalves, do motivo por que aparece aquele por vezes irritante “vós outros” em Almeida Revista e Atualizada.

<sup>67</sup> Gonçalves tem predileção pelo termo “assaz”. O mesmo se verifica em Almeida, na sua *Diferencia da Christandade*. Quanto às traduções de Almeida, “assaz” aparece três vezes na ARC (Lv 12.8; Et 1.18; Sl 123.3) e três vezes na ARA (1 Sm 28.21; Jó 34.22; Sl 103.8). Como se vê, em lugares diferentes.

<sup>68</sup> GONÇALVES, “A Comissão Revisora Tem a Palavra”, *A Bíblia no Brasil*, nº 27, janeiro, fevereiro e março de 1953, p. 10.

## **TERIA CHEGADO A HORA DE UMA NOVA REVISÃO DE ALMEIDA?**

Num certo sentido, a hora já passou. Já se foram 62 anos desde a decisão, em 1943, de atualizar Almeida. Mais de 50 se passaram desde a publicação do Novo Testamento de ARA. A língua portuguesa mudou nestes últimos 50 anos, bem como nossa compreensão do processo de comunicação. Se a isto acrescentarmos que o texto base hoje é outro (embora, em havendo, essas mudanças sejam quase insignificantes); que a crítica textual avançou; que o estudo e a compreensão dos textos bíblicos não pararam no tempo, mas (assim esperamos) progrediram; e que temos uma melhor compreensão do processo de tradução – então teremos motivos suficientes para ao menos considerarmos a possibilidade de uma oportuna revisão.

### **QUE TIPO DE REVISÃO OU ATUALIZAÇÃO SERIA ESSA?**

Para continuar sendo Almeida, não se poderá sair do que os atualizadores de 50 anos atrás perseguiram, a saber, “reter o máximo que se puder do Almeida”. Em primeiro lugar, terá que continuar sendo uma tradução do tipo de equivalência formal.

A versão atualizada (ARA) foi feita com vistas a uma leitura em voz alta. Podemos até concordar que houve exageros no afã de eliminar desagrados cacofônicos, mas o princípio em si é salutar. Dele não se deveria abrir mão.

Almeida é a rigor um texto para uso nas igrejas. Tem um ar solene e “soa” como as pessoas esperam que a Bíblia soe. A “Nova Almeida”, se assim a pudermos chamar, deveria continuar sendo exatamente isto: um texto bem talhado para uso na liturgia.

Por outro, sendo um texto para uso nas igrejas, pode-se pensar seriamente na manutenção de um estilo mais erudito. Quem já está familiarizado com a linguagem e o conteúdo bíblicos estará mais disposto a lidar com um texto exigente. No entanto, expressões e estruturas arcaicas teriam que ser mudadas, pois a maioria da população brasileira não alcançou o nível de educação e letramento que, aparentemente, na metade do século XX, se esperava fosse alcançar.

Uma questão a ser definida é o recurso ou não a outras traduções. As revisões de Almeida, como o relato acima procurou mostrar, sempre foram feitas em função de ou, ao menos, na presença de outras traduções. Será possível dizer que, em sendo uma revisão, outras traduções poderiam ter uma influência que seria inadmissível em se tratando de uma nova tradução?

Também teria que ser definido se o que se quer é apenas uma revisão lingüística ou também uma revisão exegética. No caso de ARA, nota-se

que, em certos momentos, a Comissão Revisora insiste que a revisão seria meramente lingüística. Em outros momentos, transparece que “retificar algum lapso de tradução do Almeida”, como se expressou Gonçalves, fazia parte do projeto. O simples fato de se adotar uma base textual diferente já implica certo tipo de revisão exegetica.

Poderia alguém perguntar: Se na ARA sobrou apenas 60% do antigo Almeida, que vai sobrar depois de uma nova revisão? Seria aquela ainda a “Bíblia de Almeida”? Em resposta se pode dizer que a revisão do século XXI não precisa ser necessariamente uma continuação de ARA, mas um trabalho sobre Almeida como tal. Poderá haver momentos, como alguns exemplos acima demonstraram, em que se poderá julgar necessário voltar ao que se tinha (e tem) em ARC, feitas as devidas atualizações. Quanto à questão se ainda seria Almeida, cabe, em resposta, a analogia usada por um veterano tradutor: O lenhador já tinha levado o machado várias vezes ao ferreiro, já havia trocado o cabo outras tantas vezes, mas aquele sempre ainda era o “meu machado, que eu já tenho há mais de quarenta anos”. Almeida é mais que uma tradução; é uma marca registrada. Temos que mantê-la a todo custo.

# **O LUGAR DE CULTO: FUNDAMENTOS E CRITÉRIOS PARA CONSTRUÇÃO OU REFORMA DE UMA IGREJA**

*Paulo Gerhard Pietzsch\**

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem por objetivo fomentar uma discussão sobre os passos a serem seguidos na construção ou reforma de igrejas ou capelas. Primeiramente procura-se apontar fundamentos teológicos, litúrgicos, arquitetônicos e antropológicos que envolvem o lugar de culto. Chamam-se tais fundamentos e critérios de elementos imprescindíveis para construir ou modificar o lugar de encontro da comunidade cristã. Na seqüência do trabalho procura-se apontar critérios que deverão nortear qualquer projeto de construção ou reforma e o resultado positivo de um bom planejamento. O trabalho conclui com as estratégias para a implantação de um projeto e o devido envolvimento de toda a comunidade.

## **1. FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS, ANTROPOLÓGICOS PARA A CONSTRUÇÃO DO LUGAR DE CULTO**

O culto cristão, como lugar do encontro de Deus com sua comunidade, é “a auto-revelação de Deus em Jesus Cristo e a resposta do ser humano” (HOON apud WHITE, p.15), é “serviço de Deus aos seres humanos (...) e serviço dos seres humanos a Deus” (BRUNNER apud WHITE, p. 15) e, ao mesmo tempo, “é a recapitulação daquilo que Deus já

---

\* Paulo Gerhard Pietzsch, Mestre em Teologia Prática, é Professor de Culto e Liturgia no Seminário Concórdia de São Leopoldo e Professor de Culto Cristão e Teologia dos Sacramentos no curso de Teologia da Universidade Luterana do Brasil, em Canoas, RS. Atualmente está cursando o programa de Doutorado em Teologia.

fez, [pois] resume e confirma sempre de novo a história da salvação cujo ponto culminante se encontra na intervenção encarnada do Cristo” (ALLMEN apud WHITE, p. 16).

A Escritura revela que Deus, desde as eras mais remotas, tem-se manifestado ao ser humano, tanto em tempos definidos cronologicamente quanto em espaços concretos. A máxima desta relação de Deus com as pessoas deu-se “na plenitude do tempo” (Gl 4.4), quando “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1.14).

A encarnação de Cristo, portanto, como manifestação plena do encontro de Deus com seu povo, é a principal razão para que se criem lugares “para o culto do Encarnado” (WHITE, p.67). Se o Deus infinito e ilimitado dignou-se a assumir a limitada forma humana, se ele como infinitamente superior se revela como parte da humanidade (PASTRO, p. 15) a fim de torná-la mais completa, é certamente agradável a ele que esta humanidade finita vá ao encontro do Infinito (PASTRO, p. 16), e o faça em um lugar concreto: o lugar litúrgico.

O ser humano, como ser único (não dualizado em físico e espiritual), é um corpo espiritual [ou espírito corporal]. A comunidade, portanto, formada por *corpos* espirituais, prevê tanto ação corporal que implica movimento, quanto contemplação do espiritual (MARASCHIN, p. 73). Por isso, deve atender às funções humanas plenas, tanto para o indivíduo quanto para a comunidade, e criar espaço para a ação e para a contemplação.

Por ser lugar da presença de Deus e lugar de encontro do seu povo, o culto cristão assume uma dimensão vertical (Deus → comunidade) e uma dimensão horizontal (WHITE, p. 69) (eu → comunidade), dimensão esta que eu preferiria denominar de “vértico-horizontal” (Deus → eu → comunidade → Deus), ou seja, uma estrada de duas vias (ou mais), em que, por um lado Deus serve ao ser humano pela sua Palavra vivificadora, pelos sacramentos e “pela mútua consolação dos irmãos” (LIVRO DE CONCÓRDIA, Artigos de Esmalcalde, p. 332), enquanto que o ser humano o serve com louvor, adoração e serviço (tanto no plano vertical [fé] quanto no horizontal [manifestação de amor ao próximo]).

A Igreja é o lugar sagrado, é espaço santificado, não por causa do lugar em si, mas por causa do que nele acontece (WHITE, p. 66). Nela acontece a presença do Invisível (PASTRO, p. 22) e, ao mesmo tempo, “é uma reunião de gente” (KIRST, TEAR, n.1, p. 15). Por isso, toda a estrutura física e organização espacial precisam manifestar através de símbolos e de utensílios funcionais, o que nela acontece. Por exemplo, uma forma circular, além de apontar para a idéia do infinito e do eterno (PASTRO, p. 17), ajudará a comunidade a se reunir ao redor de um centro e dará ao local uma idéia de comunhão. Poderá também ser útil para que a visibilidade

entre pessoas e o oficiante e as pessoas entre si seja melhorada.

O lugar litúrgico é, ao mesmo tempo, o espaço para Deus (PASTRO, p. 31), a casa de Deus (MARASCHIN, p. 79), e o espaço para o ser humano (PASTRO, p. 31), a “nossa casa” (MARASCHIN, p. 79). É o lugar de um Deus que chama, convoca, fala e celebra a aliança; é o lugar da Palavra, do grande encontro, da Eucaristia, é o lugar do memorial. Como casa aberta e que abriga pessoas, é um lugar com qualidade de vida e orientação para a vida, é lugar de repouso, oração e adoração (por isso o Domingo, o dia do Senhor, tem sido preferencial como dia de descanso e do culto da comunidade).

O que existe e o que acontece no espaço litúrgico é resultado de uma teologia (ou da ausência de uma teologia sadia). Existe, pois, uma relação complicada entre espaço e teologia de culto. Conforme Regina Céli Machado, o lugar de culto deve representar a devoção de toda a comunidade, jamais deve ser o princípio de um homem só (MACHADO, p. 17). Por isso, também a forma deve facilitar a comunicação de Deus com seu povo (e vice-versa), e não atrapalhar esta comunicação. Desde a porta, que pode ser um símbolo do próprio Cristo (MARASCHIN, p. 77-78), até a localização da fonte batismal, da mesa da eucaristia e do púlpito, é importante que tudo esteja no seu devido lugar, pois tem significados e funções especiais.

Além da manifestação de Deus às pessoas em tempo e espaço definidos, o lugar de culto deve ser lugar dos sonhos (MARASCHIN, p. 90), de segurança e de antecipação. É o lugar em que o ser humano, tão carente de valores eternos, pode viver como uma antevisão ou antecipação à realidade da ressurreição e vida plena em Cristo.

Em resumo, o lugar de culto conjuga ao mesmo tempo o passado (quando rememora o que Deus já fez), o presente (quando celebra a presença viva de Deus em Cristo no meio e através da comunidade) e o futuro (ao experimentar por antecipação a plenitude da vida eterna em Cristo). Por isso tudo, a construção, o lugar e o espaço também deveriam expressar estas dimensões supracitadas.

## **2. FUNDAMENTOS LITÚRGICOS: CENTROS E ESPAÇOS LITÚRGICOS**

No lugar dedicado ao encontro de Deus com o seu povo existem alguns elementos que são imprescindíveis, outros que são apenas úteis e outros, ainda, que são completamente supérfluos (e que, neste caso, mais atrapalham do que ajudam na devoção dos fiéis). Regina Céli Machado afirma que “um lugar muito cheio de coisas tende a esvaziar a alma humana. O vazio, pelo contrário, tende a se encher pelo Espírito” (MACHADO, p. 67).

Para que o encontro entre Deus e sua comunidade possa ser uma

experiência edificante, de contemplação, de alegria e de representação dos seus melhores desejos (MARASCHIN, p. 78-79), convém observar que o lugar litúrgico não deveria prescindir de três centros litúrgicos e de seis espaços litúrgicos (WHITE, p. 70). James White menciona um quarto centro, ou seja, a cadeira do oficiante ou sédia (WHITE, p. 73). Optou-se em não utilizá-lo neste trabalho por uma questão teológica: na Igreja Luterana a ordenação ao ministério não é vista como um sacramento, como acontece na Igreja Católica Romana. Vale, no entanto, salientar que, entre os luteranos, há uma compreensão bem definida de ministério como uma instituição divina, a parte do sacerdócio universal. Não se tem dado ênfase ao conceito de “presbitério”, conforme referência de Regina Céli Machado (MACHADO, p. 36-37), que pressupõe a existência de uma hierarquia sacerdotal. O conceito de “presbitério” acabará influenciando toda a disposição do mobiliário de uma igreja, não somente dentro do próprio presbitério, mas também do próprio espaço da comunidade (MACHADO, p. 92, 94,95). Não faria mal, no entanto, se o pastor tivesse uma cadeira própria, isso ajudaria até mesmo a definir melhor as funções. Os três centros, portanto, contemplados neste trabalho, seguem a orientação de White.

O primeiro centro em destaque é a *fonte batismal* (WHITE, p. 72). Por ser o sacramento de iniciação, pois a comunidade nasce do Batismo (OSTROWSKY, p. 8) e vive na perspectiva dele em sua vida diária, seria muito significativo se tal centro estivesse disposto à entrada do lugar da adoração. Por significar o “lavar regenerador e renovador do Espírito Santo”, conforme diz o apóstolo Paulo a Tito no capítulo terceiro, considerou-se a importância de se ter muita água, por isso uma simples tigela não poderia representar algo tão importante, e sim uma fonte (ou até mesmo uma piscina).

O centro da palavra é representado pelo *púlpito*. Nele poderia acontecer tudo o que está relacionado à liturgia da Palavra (WHITE, p. 72), ou seja, as leituras bíblicas, a homilia e a oração de intercessão (e todos os elementos úteis, não indispensáveis, que permeiam estes três elementos imprescindíveis) (KIRST, *Nossa Liturgia*, p. 25). Sobre o púlpito também poderá ficar a Bíblia, já que ele é o centro da palavra. Há em muitos de nossos espaços litúrgicos certa confusão sobre este centro. Há em muitos lugares dois (ou mais) móveis destinados para esta finalidade: há, além do púlpito, outro lugar para as leituras e, além disso, não são raros os templos em que a Bíblia está também sobre ao altar. Um centro da palavra poderia resolver com muita clareza esta situação. Vale lembrar, porém, que, pelo fato de haver distinção de funções entre pastores e leigos, e, visto que estes têm ajudado ultimamente em funções litúrgicas (tais como as leituras bíblicas), tem-se optado em manter um púlpito de leitura (seja porque o púlpito de pregação está muito distante do povo, seja porque este é visto como de uso exclusivo do ministro da palavra).

O *altar* ou *mesa* é o centro da eucaristia, reservado, portanto, para os vasos da comunhão (WHITE, p. 72-73). É a partir dela que se desenrola a segunda grande parte do culto, a liturgia eucarística, composta também de três grandes partes, começando pelo ofertório, seguindo com a oração eucarística e as palavras da instituição e concluindo com a distribuição. Como na liturgia da palavra, outros elementos foram incluídos e, algumas vezes foram supervalorizados, desviando o olhar de questões mais importantes. Cabe lembrar ainda que os utensílios próprios do altar sejam, além dos utilizados especificamente na Santa Ceia, o crucifixo (que simboliza a humanação e o sacrifício vicário de Cristo), as duas velas eucarísticas e o livro de culto. Não vamos discutir se é certo ou errado colocar flores e ofertas sobre o altar, apenas recomendar que se use de bom senso, para não deixar que estes venham a ofuscar o que é essencial (tenho recomendado que flores e ofertas sejam colocadas em credências especialmente dispostas para estas finalidades).

Como o culto cristão é também e essencialmente “reunião de gente”, é imprescindível que se dê muito valor aos espaços litúrgicos. Seis espaços litúrgicos (WHITE, p. 70-72) serão aqui contemplados.

O *espaço de encontro* (e dispersão), pela importância que o encontrar-se sempre teve através da história (“formar o corpo de Cristo é o primeiro ato de culto” - WHITE, p. 70), será amplo e funcional. Nele a comunidade passa antes de ingressar no recinto de culto. É o lugar em que se faz a ponte, a transição da vida cotidiana para o culto comunitário e, novamente, do culto de volta para o dia a dia.

O *espaço de locomoção* (WHITE, p. 71) ou circulação também será bem planejado. Amplos corredores centrais, laterais e entre as cadeiras são condição básica para que “os corpos que pensam, rezam, sentem alegria, tristeza, prazer e dor” e, especialmente, se movimentam bastante (MARASCHIN, p. 76), possam locomover-se de maneira fluente e cômoda.

O *espaço congregacional* (WHITE, p. 71), amplo espaço em que a comunidade permanece por mais tempo, será flexível e levará em consideração a unidade temática do culto. Por isso cadeiras ou bancos de fácil movimentação poderiam ser utilizados, a fim de que melhor se possa mudar a disposição da comunidade quando isto for oportuno.

O *espaço do coral* (WHITE, p. 71), que em qualquer projeto deveria contemplar também os músicos, deveria estar disposto de tal forma que pudesse liderar o canto da comunidade tanto na liturgia da palavra quanto na da eucaristia. Vale lembrar que o coral, grupo vocal e/ou instrumental, não deverão perder de vista suas principais finalidades, ou seja, proclamar a palavra (cantar voltado para a comunidade), liderar o canto comunitário (posicionar-se junto da comunidade) e cantar em

lugar da comunidade (como um meio de embelezar o culto). As três finalidades poderiam ser supridas se o coral, grupo vocal ou músicos estivessem postados em diagonal com a comunidade e, ao mesmo tempo, em diagonal com o altar.

O *espaço batismal* (WHITE, p. 71), lembrando que o Batismo é um ato da comunidade toda e por ser o sacramento de entrada, está à entrada da igreja e dispõe de uma ampla área ao redor da fonte.

O *espaço da mesa* (WHITE, p. 71) também deverá ser amplo, pois prevê que a comunidade estará ao seu redor para a celebração eucarística. É importante salientar que este espaço deve ser de fácil acesso a todas as pessoas da comunidade, especialmente os idosos e as pessoas portadoras de necessidades especiais. Por isso, além dos tradicionais degraus, rampas de acesso ao altar deveriam ser providenciadas.

Além dos espaços e centros litúrgicos, considera-se importante prever ainda outros espaços. É fundamental para nos tempos modernos um *lugar próprio para projeções*, tanto dos cânticos, quanto figuras, textos ou ilustrações. A *sacristia* será um espaço exclusivo de recolhimento e preparação para oficiantes e equipe de liturgia. Uma “*vestiaria*” deverá estar em lugar próximo ao local da celebração, a fim de guardar todos os utensílios e vasos sagrados. *Banheiros e berçário* devem estar juntos ou próximos ao espaço de encontro e dispersão. Como o local de culto prevê o acesso de pessoas com necessidades especiais múltiplas, deverá estar munido de *rampas de acesso* e uma cobertura para *área de embarque e desembarque*.

### 3. FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: CRITÉRIOS PARA A CONSTRUÇÃO OU REFORMA DO LUGAR LITÚRGICO

Além dos fundamentos, para não se ter maiores problemas posteriores, é importante que se atente a alguns critérios para a construção e reforma de lugares litúrgicos. James White considera cinco critérios, a partir de uma viagem histórica. O critério da *utilidade* (WHITE, p. 81), ou seja, o quão bem funciona tudo no lugar da adoração; o critério da *simplicidade* (WHITE, p. 81) coloca cada coisa com a devida clareza no seu devido lugar, ou seja, o que é essencial jamais será encoberto. Este critério ajuda a indicar a própria teologia que está por detrás da construção e apontará para o que para ela é essencial, o que é apenas útil e o que é até mesmo descartável. O critério da *flexibilidade* (WHITE, p. 81-82) prevê que cada lugar precisa ser adaptável às diversas situações e temáticas do culto. Deve, portanto, permitir ouvir, ver e tocar. A idéia de centros e espaços flexíveis leva em consideração que a comunidade é um corpo vivo que pressupõe movimento. Ainda no critério da

flexibilidade, o local de culto deveria permitir que cada culto pudesse ter uma “igreja diferente” a fim de contemplar as diversas temáticas, melhorar a comunicação e valorizar o artesanato. *Intimidade* (WHITE, p. 82) é o critério que procura tornar o espaço aconchegante e que demonstre a hospitalidade da congregação. Finalmente, o critério da *beleza* levará em consideração a estética, a harmonia e a dignidade do ambiente (WHITE, p. 80,81). No critério da beleza, deve-se lembrar que luxo não é beleza. A beleza é o esplendor da Verdade. A unidade e harmonia entre os materiais, por mais pobres que sejam, levam a comunidade a conclusões belíssimas (PASTRO, p. 57). O material deve ser nobre, não de plástico, dando valor ao que é verdadeiro, pois Deus é Verdade e a verdade não é descartável (MACHADO, p. 68). Cuidado para que o ambiente seja harmonioso entre o antigo e o moderno e muito cuidado para não se tornar “cafona” (demonstração da falta do sentido primeiro e último do lugar e, também, quando falta a razão da fé) (PASTRO, p. 57). Vale lembrar, ainda, que o pobre, e especialmente ele, também tem direito ao belo; por isso, bairros ou vilas pobres não justificam a construção de igrejas feias (MACHADO, p. 67).

Considerou-se ainda importante listar outros critérios. A *boa localização* do terreno também merece destaque. Vale a pena pagar um pouco mais por um local de fácil acesso e bem localizado. A *centralidade do lugar de culto* em relação às demais dependências da comunidade denotará a importância que o culto tem para esta. Por isso, todas as salas e demais dependências terão alguma ligação com o espaço de culto. O cuidado com a *acústica, iluminação, conforto térmico, posição solar, visibilidade* (MACHADO, p. 60-61), além das cores internas será prioridade ainda no estudo dos critérios. As portas (MARASCHIN, p. 76) terão relevos com significado e toda a construção priorizará a idéia de casa (de Deus e nossa casa) (MARASCHIN, p. 79) e um lugar dos sonhos.

A obra ainda deve levar em consideração a *contextualidade*, ou seja, deve ser compatível com a família que mora lá (KIRST, apontamentos de aula). O último critério é que o local precisa ser “humano” e considerar as necessidades das pessoas. Por isso, o mínimo de degraus e o máximo de rampas e lugares planos. Todas as pessoas devem ter acesso a todos os espaços da Igreja.

#### 4. ESTRATÉGIA DE IMPLANTAÇÃO

A implantação do presente projeto levará em consideração os fundamentos teológico-litúrgicos, as questões antropológicas e as implicações arquitetônicas, a fim de que o essencial não seja esquecido ou ofuscado.

É importante que não seja obra de um homem só, por isso, a começar pela diretoria e pastor, e em seguida pela equipe de liturgia, toda a

comunidade, enfim, tomará conhecimento do projeto e dos critérios para uma construção ou reforma de lugar litúrgico. Assim podem-se evitar longas discussões e palpites e favorecer uma discussão mais objetiva sobre o que o culto e o seu espaço significam para a comunidade.

Na fase preliminar ainda é importante que não se diga que jamais se poderá mexer naquilo que foi modificado.

Uma vez consciente de que algo deve mudar, e convencida a abraçar um projeto de reforma, a comunidade solicitará a orientação profissional para dar seqüência ao seu projeto de reforma. Um engenheiro e/ou arquiteto deverá ser consultado.

O arquiteto também deverá tomar consciência do significado daquele espaço para a comunidade. Por isso, também estudará os centros e espaços litúrgicos, além de todos os fundamentos e critérios. O arquiteto deverá conhecer a teologia do templo e a fé que é ali professada. No entanto, a ele “deve-se dar a liberdade de exercitar a sua criatividade e imaginação, mas ele também precisa saber que tal construção não simplesmente uma casa qualquer, mas é a casa de Deus para a família cristã” (CLARK, p. 15).

Ao fazer o projeto arquitetônico, deve-se inicialmente promover uma limpeza do ambiente, a fim de remover tudo o que está “sobrando” e que atrapalha a devoção dos fiéis. Aqui é importante lembrar que os acessórios têm a função de destacar o que é essencial. Se o acessório ou enfeite estiver ofuscando ou abafando o essencial, então deixa de ter razão de existir.

Verificar se há necessidade de reformar apenas o lugar litúrgico ou se outras dependências também precisam passar por transformações.

Previsão de custos: jamais iniciar uma obra sem se ter o cálculo mais exato possível do custo final da obra.

Estabelecer um cronograma, a fim de planejar o tempo da obra e cada uma das etapas e poder escalonar as despesas. Quando a situação financeira da comunidade não permite a conclusão da obra em curto espaço de tempo, verifique-se a possibilidade de desenvolver o melhor projeto em várias etapas, previamente planejadas.

Não esquecer de definir localização dos centros e espaços litúrgicos, a fim de que estes sejam compatíveis com o número de fiéis.

Os critérios deverão ser sempre retomados: utilidade, simplicidade, flexibilidade, beleza, intimidade, centralidade, etc.

## CONCLUSÃO

Reformar estruturas, muitas vezes, pode ser um processo muito mais difícil e demorado do que construir novos espaços. Quando não se tem um lugar apropriado, não é difícil de convencer as pessoas da necessidade de

se providenciar um. Quando o assunto é transformar um ambiente que já tem história, que muitos ajudaram a construir, a ornamentar, isto, além de doloroso para as pessoas, pode facilmente encontrar resistências.

Por isso, antes de qualquer idéia de transformar, é necessário estudar, é necessário conhecer argumentos teológicos, litúrgicos e antropológicos. É importante saber o que faz parte de um lugar sagrado, quais os critérios para que um lugar seja um bom lugar. Planejar o tempo e o custo é algo que se faz antes de mudar a primeira pedra e contar com orientação profissional é imprescindível.

Se todos os cuidados forem devidamente tomados e se a comunidade for bem envolvida, então, até mesmo a mais simples capelinha poderá ser transformada no melhor lugar para celebrar o culto do Encarnado.

Esperamos que este trabalho possa ajudar na reflexão sobre a importância de planejar bem o lugar de adoração e proclamação do Evangelho. Sabe-se que nem tudo pode ser feito conforme as sugestões supramencionadas, mas, se pelo menos a comunidade for levada a refletir sobre a importância dos centros e espaços litúrgicos, este trabalho já terá alcançado os objetivos inicialmente propostos.

*(Obs: Havendo interesse da parte do leitor em obter sugestões de plantas baixas de locais de culto, as mesmas poderão ser obtidas com o autor desta matéria).*

## BIBLIOGRAFIA

- CLARK, William. *Planning Church Buildings*. Jenkintown: Foundation Books, 1962.
- KIRST, Nelson. Culto Cristão: uma reunião de gente. In: *TEAR: liturgia em revista*. São Leopoldo, n. 1, p. 15, Abr. 2000.
- \_\_\_\_\_. *Nossa Liturgia: Das origens até hoje*. Série Colméia, fascículo um, São Leopoldo: Sinodal, 2000, p. 25.
- LANG, P. H. D. *Manual da comissão de altar*. Porto Alegre: Concórdia, 1987.
- LUTERO, Martinho. *Artigos de Esmalcalde*. In: Livro de Concórdia. São Leopoldo / Porto Alegre: Sinodal / Concórdia, 1980.
- MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. O espaço no tempo litúrgico, *TEAR: Liturgia em revista*, São Leopoldo, n. 10, p. 3-5, Maio 2003.
- \_\_\_\_\_. *O local de celebração: arquitetura e liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- MARASCHIN, Jaci. *A beleza da santidade: ensaios de liturgia*. São Paulo: ASTE, 1996.

- OSTROWSKI, Carla, MANSK, Erli e KALMBACH, Pedro. Batismo e educação, *TEAR: liturgia em revista*, São Leopoldo, n. 12, p. 8, Dez. 2003.
- PASTRO, Cláudio. *Guia do espaço litúrgico*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- TEAR: Liturgia em Revista, São Leopoldo, n. 14,15, outubro de 2004.
- WHITE, James F. *Introdução ao culto cristão*. São Leopoldo: IEPG/Sinodal, 1997.

# LUTERO E A PRESENÇA DE DEUS E DO DIABO NA HISTÓRIA<sup>1</sup>

*Anselmo Ernesto Graff\**

## INTRODUÇÃO

Catástrofes como a das torres do World Trade Center em Nova York, da Tsunami na Ásia, de atentados em Madri e Londres e da corrupção nos meios políticos<sup>2</sup>, podem levantar reações e fomentar debates a respeito da presença de Deus na História e sua maneira de conduzi-la. Por um lado, esse tipo de calamidade pode ser determinante para esse tema aflorar e ser discutido. Por outro lado, isto também pode enigmatizar ainda mais a Deus, que por vezes age tão veladamente na História e na vida das pessoas.

Fora da esfera cristã, essas tragédias possivelmente ficam limitadas a comentários sobre a ousadia dos executores, a eficácia dos atentados, a fúria incontrolável da natureza e as conseqüências políticas e econômicas no mundo. Contudo, do ponto de vista cristão, pressupondo a onipotência de Deus, como podemos avaliar estes acontecimentos catastróficos ao longo da História? Qual é a participação de Deus, qual o papel do diabo? O que Lutero diz sobre esse assunto e como podemos aplicar seu pensamento, tanto às tragédias contemporâneas como à História em geral?

Ao longo do trabalho, também será dada uma ênfase especial a possíveis mudanças no pensamento teológico de Lutero, especialmente na interpretação do Salmo 101, em suas primeiras preleções em 1513 e nos comentários escritos em 1534. Estas são as questões básicas que este trabalho pretende abordar, tomando como base alguns escritos do próprio Lutero e de um dos seus estudiosos.

---

\* Anselmo Ernesto Graff é professor de Teologia Prática no Seminário Concórdia e na ULBRA.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado originalmente na disciplina Estudos na Teologia de Lutero: Uma Abordagem Histórico-Genética de seus Escritos, professor Dr. Paulo W. Buss, Concordia Seminary/ULBRA, janeiro de 2002.

<sup>2</sup> Introdução com dados atualizados em relação ao trabalho original.

## 1. DEUS E HISTÓRIA EM LUTERO NA VISÃO DE UM ESTUDIOSO<sup>3</sup>

Para Bornkamm, as questões sobre a natureza e sentido da História em Lutero precisam ter um enfoque duplo: observar a História com os olhos humanos e com os olhos da fé. Além disso, ele detecta três fatores importantes para compreender a História como Lutero a vê: a nação, a lei e os grandes homens. É através desses três elementos e da tensão dialética neles contida que a História é formatada. A nação sofre a oposição do elemento satânico da rebelião e da desorganização. Na lei a caricatura da violência se manifesta, e a oposição aos grandes homens está neles mesmos, pois é a arrogância e a auto-exaltação que são os seus inimigos mortais. Esta é a primeira conclusão do autor para justificar a ausência de tranquilidade na História. Há uma constante batalha entre o poder divino e satânico<sup>4</sup> e que também é perceptível, até certo ponto, aos olhos humanos. Contudo, o discernimento adequado desta desarmonia requer outros olhos. Os olhos da fé. Só com eles será possível aceitar e ver que Deus está em todos os fatos, homens e forças da História e que mesmo a existência do diabo e do mal também devem sua existência a Deus. “All events of History, all men of History, and all forces of History are masks of God, who works all in all”.<sup>5</sup> Um mal só será reconhecido como elemento divino com os olhos da fé. O mistério da História não é alcançável aos olhos físicos, pois não há explicação lógica para muitos fatos. Diante disso, a compreensão deste domínio divino sobre toda a História só se torna clara quando é remetida ao fato de que Deus é o Criador e é Dele que todos e tudo dependem.

### O QUE OS OLHOS DA FÉ VÊEM

A primeira implicação prática de se observar a História com os olhos da fé será vê-la com gratidão e espírito de humildade. As catástrofes estão conectadas à arrogância e ao orgulho. Um outro detalhe que esses olhos poderão enxergar é o fato de que Deus se utiliza de causas naturais para mover a História e que sua ação não é arbitrária, mas de acordo com sua incompreensível vontade, a qual pode estar ligada à sua misericórdia ou à uma manifestação de juízo. São os olhos da fé que perceberão que a vitória não é necessariamente da causa mais justa, porque Deus pode estar combatendo uma eventual manifestação de orgulho. Os olhos da fé ainda

<sup>3</sup> Baseado num capítulo do livro de Heinrich Bornkamm.

<sup>4</sup> É importante assinalar que o autor não está sugerindo algum dualismo, mas menciona que o poder satânico está condicionado à vontade permissiva de Deus. “He whom God still permits to have space and power in this world plays his trump cards: the demons of the mob, of violence and of arrogance” Bornkamm, p.202.

<sup>5</sup> Id. Ibid. p. 203.

verão que em meio aos tempestuosos julgamentos de Deus, Ele não retira seus dons da Lei e da ordem no mundo e que seus julgamentos inspiram confiança e não medo. “No matter how terrifying these judgments may be, they nevertheless contain a sweet kernel in a bitter shell: the nearness of the living God”.<sup>6</sup> Só se a fé persistir, alguém pode ser capaz de ver esses métodos de aproximação de Deus às pessoas.

É interessante observar que Bornkamm identifica um elemento na visão de Lutero que equipara a História das nações com a História da fé, pois a batalha para o domínio de Deus na História é o sentido e o conteúdo da História. Escatologicamente a História é o prelúdio do grande dia em que Deus virá para julgar pela última vez o mundo.

Bornkamm foi cuidadoso em citar Lutero em sua fase mais madura (1525 a 1535). A citação mais antiga é a do Magnificat de 1521. De fato pode não haver grandes implicações nisso, mas observar isto pode levar à conclusão de que este posicionamento de Lutero retratado pelo autor espelha sua idéia última sobre História.

## 2. ESCRITOS DE LUTERO O MAGNIFICAT<sup>7</sup>

### CONTEXTO HISTÓRICO

A interpretação e a explicação do Magnificat foi originalmente endereçada ao duque João Frederico da Saxônia. O texto foi iniciado em Wittenberg antes da convocação de Lutero para Worms e foi concluído durante seu exílio em Wartburgo, no ano de 1521. A razão desse escrito ter sido encaminhado ao duque da Saxônia está relacionado ao fato de que ele foi uma peça importante no processo de excomunhão efetuado contra Lutero, visto que o duque se empenhou a favor do reformador junto ao príncipe-eleitor Frederico. O Magnificat é uma resposta de Lutero à correspondência do duque João Frederico e que tratava desse seu apoio a ele.

### O CONTEÚDO DO MAGNIFICAT

Um dos aspectos que Lutero enfatiza no cântico de Maria é colocar o seu teor como conteúdo adequado para falar sobre a importância da conduta dos governantes em seu país. Para ele, quem desejar governar bem, precisa dar ouvidos e guardar na memória este cântico espiritual, puro e salutar. Nele, Lutero vê um modelo para a ação de Deus na História das

---

<sup>6</sup> Bornkamm, p. 212.

<sup>7</sup> O hino de louvor de Maria em Lc 1.46-55. O título é atribuído ao fato de que na versão latina a palavra de abertura é “Magnificat”, e que significa glorifica, engrandece.

nações e das pessoas. E dentro desse modelo ele parece manter bastante forte sua linha teológica relacionada à humildade, uma das características predominantes no Lutero jovem.<sup>8</sup>

Deus é um Senhor que não faz outra coisa do que exaltar o que é humilde, de humilhar o que é elevado, em suma, de quebrar o que está feito e de refazer o que está quebrado... até o fim do mundo todas as suas obras consistem em fazer algo precioso, honroso, bem-aventurado e vivo do que nada é, do que é insignificante, desprezado, miserável, morto; Por outro lado, reduzir a nada, a desprezado, miserável, moribundo, tudo o que é algo, que é precioso, honroso, bem-aventurado, vivo.<sup>9</sup>

E é aí que Lutero coloca em relevo a diferença fundamental entre Deus e os homens: enquanto o desejo dos homens é olhar para cima, aspirando sempre as coisas mais nobres e elevadas, os olhos do Senhor estão dirigidos para baixo, realizando as grandes obras tendo como instrumentos pessoas e coisas humildes e pequenas, como foi no caso de Maria, que em sua nulidade foi agraciada com a obra magna da encarnação de Deus. “Assim as coisas obradas por Deus acontecem na profundidade, enquanto aquilo que os homens vêem e realizam se dirige somente para o alto”.<sup>10</sup> Lutero não deixa de apontar para o olho mau e egoísta, a insatisfação, arrogância, ingratidão e o menosprezo às bênçãos de Deus como causas para a retenção das bênçãos por parte de Deus.<sup>11</sup>

Lutero de fato não vê Maria como um exemplo para os cristãos somente, ele a coloca, em forma de desafio, como um exemplo a ser seguido por toda a sociedade: “Acaso não seria então, também a bem-aventurada mãe de Deus com prazer e misericordiosamente um tal exemplo para o mundo?”<sup>12</sup> Porque foi em sua real humildade que ela, não considerando a si mesma, mas ao doador das bênçãos que a contemplou, que o poder de Deus encontrou lugar para realizar as seis obras identificadas por Lutero no cântico de Maria.

A primeira obra de Deus é ser misericordioso para com os que espontaneamente renunciam a suas convicções e consideram seus bens como presente exclusivo da graça de Deus, sem mérito ou merecimento especial e fazer uso destes bens com louvor, gratidão e temor. Ao contrário, Lutero lembra que Deus não usa de misericórdia para com os que não se apegam a Ele, mas perversamente aos bens que lhes são concedidos.

<sup>8</sup> Porém, esta ênfase pode não ser exatamente aquela relacionada à sua juventude, pois aquela dizia respeito mais ao processo de justificação do pecador, e não à maneira pela qual Deus opera na História.

<sup>9</sup> Martinho Lutero, *Magnificat, Obras Seleccionadas, Volume 6*, p.23.

<sup>10</sup> Id. *Ibid.* p. 26.

<sup>11</sup> Id. *Ibid.* pp.42-43.

<sup>12</sup> Id. *Ibid.* p.46.

Deus usa do seu poder com todas as categorias de pessoas do mundo.<sup>13</sup> Para Lutero o “braço de Deus” tem como significado a ação direta de Deus, sem intermediação das criaturas. O ponto a ser destacado aqui é mais uma vez a preferência de Deus em agir secretamente, pois na fraqueza dos que crêem apresenta-se seu poder. “Aí está presente o pleno poder de Deus e todo o seu braço. Pois onde o poder do homem chega ao fim, apresenta-se o poder de Deus, quando existe fé e quando [a fé] o espera.”<sup>14</sup>

Aqui Lutero claramente exhibe a teologia do Deus Absconditus, o Deus que permite uma categoria de pessoas se apresentarem grande e poderosa por sua própria segurança e a outra oprimida e fraca, mas onde a força dEle está presente. Só que esta percepção está longe dos sentidos e da razão, mas tão somente e unicamente pela fé. “Por isso também não o conhecemos, nem sua misericórdia nem seu braço, pois Ele tem que e quer ser conhecido na fé”.<sup>15</sup>

E é também pela fé que devem ser reconhecidas a terceira e a quarta obra de Deus na História, quando enaltece um reino e derruba o outro, ergue um principado e reprime o outro, quando aumenta um povo e destrói outro.<sup>16</sup> Aqui Lutero menciona a participação e a maneira de agir do diabo, em oposição àquela de Deus:

Por isso os eruditos, os santos hipócritas, os grandes senhores, os ricos são os petiscos preferidos do diabo. Por outro lado, o lixo do mundo, os pobres, humildes, símplices, pequenos, desprezados – a esses Deus escolhe para que se reconheça com certeza que nossa salvação não consiste na obra de homens, mas exclusivamente no poder e nas obras de Deus.<sup>17</sup>

A quinta e a sexta obra de Deus comentada por Lutero é o suprimento das necessidades físicas dos necessitados que nEle confiam e derrubar os que prendem seu coração às riquezas. Outra vez Lutero aponta que isto pode acontecer em segredo. Uma pessoa que possui em abundância só se dará conta de sua real situação quando lhe acontece um infortúnio grave, “então percebe que toda sua fortuna foi absolutamente nada”.<sup>18</sup> Por outro lado, os famintos também são saciados secretamente, pois “não é possível que Deus permita que morra de fome física alguém que nEle confia”.<sup>19</sup> É

---

<sup>13</sup> Lutero mais uma vez enfatiza que Deus é um Senhor cujas obras se resumem em dispersar os soberbos e usar de misericórdia para com os que o temem.

<sup>14</sup> Martinho Lutero, Magnificat, Obras Seleccionadas, Volume 6, p.61.

<sup>15</sup> Id. Ibid. p. 62.

<sup>16</sup> Id. Ibid. p.65.

<sup>17</sup> Id. Ibid. p.65.

<sup>18</sup> Id. Ibid. p.67

<sup>19</sup> Id. Ibid. p.67

verdade que Deus pode permitir alguém sofrer até o limite, para que a obra seja exclusivamente dEle, que assim o “enche” de bens inofensivamente. “Isso significa que esse “encher” há que ser inofensivo, proveitoso e salutar, para que beneficie corpo e alma com todas as forças”.<sup>20</sup>

## **DA AUTORIDADE SECULAR, ATÉ QUE PONTO SE LHE DEVE OBEDIÊNCIA**

### **CONTEXTO HISTÓRICO**

As bases desse escrito são sermões pronunciados por Lutero em outubro de 1522. O assunto principal gira em torno do poder político e o motivo central para esse tópico ter sido apresentado foi a proibição do príncipe-eleitor, Jorge da Saxônia, de comprar e vender a edição do Novo Testamento preparada por Lutero.<sup>21</sup> Além disso, em seu debate com os teólogos escolásticos, Lutero questionou seu posicionamento, o qual interpretava certos trechos da Palavra de Deus como sendo “conselhos” e não “mandamentos”. Em outras palavras, opção ou obrigação. Aqui especificamente estavam em disputa as palavras de Jesus em Mateus 5.39: “Não resistais ao mal”.

Tendo como pano de fundo esses fatos, Lutero falou sobre a obediência devida à autoridade, seus limites de alcance e estabeleceu os contornos de sua teologia sobre a existência e delimitação dos dois regimentos. Em princípio, o regimento da Palavra é para os cristãos e o da Espada para os maus. Porém, por mais cristãos que as pessoas sejam, Lutero não lhes declara ou garante a anulação ou isenção do poder secular. Contudo, elas são aconselhadas a respeitá-la e a honrá-la em amor ao próximo e não em causa própria.<sup>22</sup>

Este escrito foi originalmente endereçado ao senhor João, duque da Saxônia, que havia solicitado a Lutero uma explicação ampliada de seus pensamentos sobre esse assunto.

### **O TEXTO**

Em termos de presença de Deus e do diabo na História, a força desse texto de Lutero está em sua definição sobre as duas maneiras que Deus a governa e a necessidade de separação entre o poder espiritual e o secular. Enquanto o diabo não faz outra coisa “senão gato e sapato de seu povo”<sup>23</sup>, invertendo os papéis e corrompendo, Deus age na História através desses dois dispositivos instalados no mundo por sua providência. Para Lutero, o direito do

<sup>20</sup> Id. Ibid. p.69

<sup>21</sup> Introdução ao assunto nas obras Seleccionadas de Lutero, Volume 6, p.79.

<sup>22</sup> Id. Ibid. p.88.

<sup>23</sup> Id. Ibid. p. 104.

poder secular existe desde o começo do mundo.<sup>24</sup> Com ele Deus realiza sua obra na contenção do mal, punição dos maldosos e proteção dos piedosos.

Por isso Deus instituiu os dois domínios: o espiritual que cria cristãos e pessoas justas através do Espírito Santo, e o temporal que combate os acristãos e maus, para que mantenham paz externa e tenham que ser cordatos contra sua vontade.<sup>25</sup>

Não é possível, nem um regime cristão geral no mundo inteiro, pois o número dos maus supera os justos, nem o poder secular governar sozinho, pois assim ninguém seria justificado perante Deus.

Sozinho nenhum dos dois basta no mundo... se um país inteiro ou o mundo se arriscasse a governar com o Evangelho, seria a mesma coisa se um pastor juntasse no mesmo estábulo lobos, leões, gaviões e ovelhas.<sup>26</sup>

Em relação à utilização do regime secular pelos cristãos, Lutero tem uma opinião clara, ainda que polêmica. Por um lado ele diz que por amor a outras pessoas, os cristãos se submetem de bom grado ao regime da Espada. Também não está proibido deles usarem e se servirem dele para o que for útil e necessário. Para defender seu ponto de vista, Lutero argumenta com exemplos do Antigo Testamento. “Destá maneira usaram a Espada todos os santos desde o início do mundo, Adão e seus descendentes”.<sup>27</sup> Além disso, “se S. Paulo afirma que a autoridade é servidora de Deus, não devemos reservá-la apenas para o uso dos gentios, mas de todos os seres humanos”.<sup>28</sup> Por outro lado, Lutero não aplica essa regra quando o cristão necessitaria do poder da Espada em causa própria.

Um cristão deve ser de tal natureza que sofra todo o mal e injustiça, não se vingando, também não procurando proteção para si perante o tribunal, mas que não tenha necessidade nenhuma de autoridade e direito secular para si mesmo. Para outros, porém, pode e deve procurar desforra, justiça, proteção e auxílio e contribuir para isso com o que puder... nenhum cristão deve tomar e invocar a Espada para si e sua causa. Em favor de outros, porém, pode e deve tomá-la e apelar a ela para que se impeça a maldade e se proteja a probidade.<sup>29</sup>

---

<sup>24</sup> Id. Ibid. p. 83.

<sup>25</sup> Id. Ibid. p. 86.

<sup>26</sup> Id. Ibid. p. 87

<sup>27</sup> Id. Ibid. p.90.

<sup>28</sup> Id. Ibid. p. 93.

<sup>29</sup> Id Ibid. pp. 94-95

É interessante como Lutero interpreta as palavras de Jesus em Mt 5.39, limitando a utilização do poder secular apenas em causa dos outros. A respeito da necessidade da existência dos dois regimentos, poderia se esperar que o argumento de Lutero a favor da existência do poder secular também para o cristão, seria o fato dele fazer parte ao mesmo tempo de ambos os regimentos e que ele é ao mesmo tempo sadio e doente, contudo ele parece defender a idéia de que se houvesse só cristãos no mundo, o regimento espiritual bastaria.

## CONTRA OS ANTINOMISTAS

### CONTEXTO HISTÓRICO

Dentre os conflitos teológicos que surgiram durante o período da Reforma, um dos que causaram um grande impacto foi o debate entre Melanchthon, Lutero e Agrícola, referente à controvérsia Antinomista. Enquanto Melanchthon argumentava que o conhecimento da lei era absolutamente necessário para produzir o arrependimento nos pecadores, Agrícola insistia que o Evangelho, que revela a bondade de Deus, faz reconhecer os pecados e causar o arrependimento.<sup>30</sup>

Essa controvérsia foi também uma das razões para a publicação do Catecismo Menor de Martinho Lutero em 1529. Naquela época, em 1528, houve um acordo entre Lutero e Agrícola e o assunto parecia ter sido solucionado. Porém, essa disputa voltou a ter repercussão mais forte em 1537, quando Agrícola outra vez pregou que o arrependimento e o perdão devem ser pregados somente à base do Evangelho. Para tentar resolver mais uma vez essa contenda, foi convocado um debate entre Lutero e Agrícola em dezembro de 1537, para o qual Agrícola não compareceu. Uma aparente reconciliação entre ambos, no entanto, se visualizou no segundo debate, realizado em janeiro de 1538.

É importante também observar que em todo esse processo, Agrícola pedira a Lutero que este escrevesse em nome dele, um texto de revogação de suas posições antinomistas. Lutero o escreveu<sup>31</sup>, mas sua polêmica forte e satírica contra os antinomistas em geral<sup>32</sup> ofendeu a Agrícola, o que fez com que a matéria não tivesse nem o seu desfecho final nem apropriado, pois o problema continuava a ponto de Agrícola apelar para o reitor da Universidade de Wittenberg, o que fez com que Lutero o declarasse “perigoso para a ordem social e ética”.<sup>33</sup>

<sup>30</sup> Charles P. Arand no livro *That I may Be His Own, An overview of Luther's Catechisms*, p. 74.

<sup>31</sup> Carta ao Dr. Caspar Güttel, pregador de Eisleben. Carta publicada no Volume 4, pp.429-438.

<sup>32</sup> Warth, Obras Seleccionadas, Volume 4, p. 378.

<sup>33</sup> Id. Ibid. p.378.

O Antinomismo voltou a ser debatido em 1565, quando Agrícola mais uma vez sustentou que é o Evangelho que conduz ao arrependimento, negando a validade e a eficácia da lei para esse fim.

## O TEXTO

A utilidade desse texto em relação ao assunto proposto nesse trabalho não é aparente. Contudo, Lohse sugere a leitura deste documento para uma compreensão mais adequada de Lutero e sua visão sobre História. A razão apresentada por Lohse é o fato de que Lutero menciona ao longo do debate situações contemporâneas e que tornam o escrito relevante para uma melhor compreensão de História em Lutero.<sup>34</sup>

Porém, do meu ponto de vista, o texto parece ter os traços dum debate estritamente teológico envolvendo o Antinomismo e assim o valor desse texto não está tanto na razão apresentada por Lohse, mas no fato de que o debate envolvendo a lei ultrapassou o sentido teológico e saiu das fronteiras da comunidade cristã, pois Agrícola defendia que a lei também deveria ser abolida entre os ímpios. “Maior ainda, porém, é seu atrevimento – melhor, sua insanidade, de que a lei deve ser abolida também entre os ímpios e que não deve ser ensinada a eles”.<sup>35</sup> E é aqui que a implicação da proibição da pregação da lei não é somente teológica, porque ela toma também o âmbito político e natural. “A conclusão de S. Paulo: onde não há lei, não há transgressão (Rm 4.15), não é boa somente teologicamente, mas também do ponto de vista político e natural”.<sup>36</sup>

Para Lutero, as heresias são obra de Satanás.<sup>37</sup> E no momento que elas alcançam a esfera social, pode se dizer que o diabo pode se infiltrar na igreja para produzir prejuízos também na sociedade. Em outras palavras, o diabo procura agir onde não se espera que ele aja.

Um dos principais tópicos da discussão sobre esse assunto tem como centro o texto de Lc 16.16, o qual o próprio Lutero considera como um dos de maior influência.

Este argumento é um dos principais, capaz de sensibilizar também um homem sensato. Se Cristo diz: A lei e os profetas vigoraram até João, essas palavras soam como se a lei não mais devesse ser ensinada depois do advento de Cristo.<sup>38</sup>

Na interpretação de Lutero, essas palavras indicam que o ser humano não pode cumprir o que a lei requer e os profetas prometem, mas precisou vir João, o indicador do Cordeiro de Deus.<sup>39</sup>

---

<sup>34</sup> Bernard Lohse in *Martin Luther: An Introduction to his Life and Work*, p. 197.

<sup>35</sup> Lutero, *Obras Seleccionadas*, Volume 4, p. 390.

<sup>36</sup> Id. *Ibid.* p. 383.

<sup>37</sup> Id. *Ibid.* p.394.

<sup>38</sup> Id. *Ibid.* p. 397.

<sup>39</sup> Id. *Ibid.* p. 397.

A lei, que antes requeria o impossível de nós, já não tem mais o direito de exigir qualquer coisa de nós porque já temos presente e já apresentamos o Cordeiro de Deus, Cristo, que tira os pecados do mundo e cumpriu mais do suficiente o que a lei requeria.<sup>40</sup>

A explicação dessa passagem parece apontar para a marca divisória entre a antiga e a nova aliança. Com o advento de João, o velho dá lugar ao novo. Contudo, ao cumprir a lei como nosso substituto, Jesus não aboliu a lei, mas introduziu a era da graça (Mt 5.17; Jo 1.17). Arndt nos auxilia dizendo que o que era sombra na antiga aliança, agora se torna realidade em Jesus Cristo. “In the hearts of men the gracious reign of God through the work of the Holy Spirit has begun, a reign different from that of the old dispensation, because during the latter the children of God were still minors and subject to many irksome regulations”.<sup>41</sup>

Para Lutero, há basicamente dois tipos de pessoas no mundo: os ímpios e os piedosos. E esta é uma das razões pela qual a pregação da lei não pode ser removida em hipótese alguma da igreja, ainda que estamos sob a graça (Rm 6.14). “A lei, portanto, é necessária, em primeiro lugar, por causa dos obstinados e insensatos, para que sejam corrigidos; em segundo lugar, por causa dos fiéis que ainda têm as remanescências do pecado”.<sup>42</sup>

E aqui Lutero aprofunda o assunto, respondendo a outro argumento pró-antinomista, de que a fé também causa o lamento pelo pecado. Lutero concorda com o argumento, mas sinaliza para o problema do pecado original.

Ensinamos desse modo a respeito da penitência para que não seja entendida apenas com respeito ao pecado atual, mas a todo o pecado original e atual, que não é erradicado completamente por toda a vida. O ofício da lei é necessário e útil permanentemente, ora por causa dos endurecidos, que precisam ser assustados, ora por causa dos piedosos, que precisam ser admoestados, para que permaneçam até o fim da vida na penitência iniciada.<sup>43</sup>

Na verdade, Lutero afirma que para levar alguém ao arrependimento, todos os recursos possíveis, inclusive o Evangelho, devem ser usados, em concordância com Rm 2.4: “...a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento”.

<sup>40</sup> Id. Ibid. p. 398.

<sup>41</sup> William F. Arndt, Commentary on Luke, p. 361.

<sup>42</sup> Martinho Lutero, Obras Seleccionadas, Volume 4, p. 402.

<sup>43</sup> Id. Ibid. p.417.

O coração duro, que não se comove nem por ameaças nem por castigos, deve ser atraído para a penitência pelos benefícios e promessas divinos, e lhe deve ser inculcada a paixão e a morte de Cristo que ele aceitou por mero amor, a fim de libertar o gênero humano do pecado e da morte., aos quais estava sujeito... Assim também nós devemos valer-nos de todos os recursos possíveis para exortar as pessoas à penitência, isso é, para que sintam o poder da lei.<sup>44</sup>

No pensamento de Lutero a lei é a ação dura, de condenação, acusação, enquanto o Evangelho é arte e retórica para conduzir alguém ao arrependimento. “A lei procede de modo simples e claro, como se costuma dizer, acusando, condenando, argüindo, precipitando no inferno, e age de modo duríssimo conosco. Não assim o Evangelho. Ele te compele brandamente e te atrai como que com arte ou com retórica para a penitência”.<sup>45</sup>

## O SALMO 101

### NOTA INTRODUTÓRIA

Podemos dizer que este escrito fornece um capítulo separado e especial de todo o trabalho em analisar Lutero. Pois é aqui que é possível perceber com clareza quase absoluta o desenvolvimento no pensamento teológico de Lutero. Esse Salmo pode ser um paradigma que ilustra com incrível clareza o progresso teológico de Lutero, a mudança em seu método hermenêutico e o que também é importante, dá uma idéia bem consistente sobre sua visão de História.

### O SALMO 101 NAS PRELEÇÕES DE 1513

Não é possível encontrar nesse escrito uma linha uniforme de abordagem em Lutero, mas vários assuntos se misturam, tornando às vezes o texto incompreensível e distante do sentido original.

Na introdução a esse Salmo, Lutero mostra ainda um pouco da sua imaturidade teológica e confusão no método hermenêutico que utilizava. Ele inicia falando dos dois tipos de humildade, quando é possível perceber sua forte ênfase na teologia da humildade. Para ele existiam dois tipos de humildade: a física e a espiritual, bem como dois tipos de orgulho.

---

<sup>44</sup> Id. Ibid. p. 418

<sup>45</sup> Id. Ibid. p. 422. Essa conclusão mereceria considerações sistemáticas e exegéticas (especialmente Rm 2.4) mais aprofundadas, visto que não se atribui essa função ao Evangelho na tradição luterana.

Porém, o que mais chamou a atenção foi sua análise das palavras iniciais desse Salmo: bondade e justiça. No entender de Lutero, é na Bondade e no Julgamento (Justiça) que está a origem dos bens e dos males que se recebem nessa vida. Todos os bens espirituais e materiais se originam na Bondade de Deus e todos os males corporais no Julgamento de Deus.

No versículo 1 o foco está sobre misericórdia e julgamento. **A bondade e Justiça cantarei<sup>46</sup> a ti, SENHOR, louvarei.**<sup>47</sup> Aqui ele reitera o pensamento iniciado na introdução: “Therefore it is mercy in their souls, and judgment in their flesh. Similarly mercy is sung of in the spiritual people who come to faith, and judgment in the unbelieving people”.<sup>48</sup> Lutero separa o povo judeu como sendo feita misericórdia a uma parte, enquanto a outra caiu no julgamento e destruição. “Thus through mercy and judgment in a tropological sense one part of the Jewish people was made mercy, while the other part which did not want mercy, fell into judgment and destruction”.<sup>49</sup> E é disto que trata esse Salmo, segundo Lutero.

Este é o versículo 2: **Serei prudente<sup>50</sup> no caminho da integridade; Quando virás para mim? Eu caminharei em pureza no meu coração no interior de minha casa.** E para falar dele, Lutero se vale do Salmo 98.5, a fim de explicar as duas harpas e a voz de canto descrita lá e estabelece a diferença entre cantar e tocar harpa. “Therefore, to sing Psalms is to preach the Gospel and the Spirit, but to play on the harp is to devote attention to testimonies from the Law (or to preach the Law spiritually).<sup>51</sup> Somente pode cantar um Salmo aquele que entende, e quem não entender acaba caindo em julgamento.

Therefore they play on the harp and do not understand. But, on the contrary, one who does not truly understand cannot sing, because the Gospel cannot be known without understanding and faith. But let it be, let him sing and not understand, but then his way will be defiled, and the Lord does not come to him, and thus he falls in judgment.<sup>52</sup>

<sup>46</sup> שָׁרָה aqui é cantar, enquanto que o segundo verbo זָמַר pode também significar, tocar um instrumento musical.

<sup>47</sup> A tradução do Salmo é do autor deste trabalho.

<sup>48</sup> Luther Works, American Edition, Volume 11, p. 284.

<sup>49</sup> Id. Ibid. p. 284.

<sup>50</sup> A tradução preferida de Lutero parece ser compreender, ter entendimento, o que é possível com o verbo שָׁכַח.

<sup>51</sup> Luther Works, American Edition, Volume 11, pp. 285-286.

<sup>52</sup> Id. Ibid. p.286.

Aqui Lutero parece esboçar, ainda que primariamente, seu pensamento de separação entre Lei e Evangelho. “The reason for the names is that the Law echoes with louder noise of figures... while the Gospel makes a softer and more subdued sound, because it teaches things that are lowly and rejected”.<sup>53</sup>

Ele também escreve sobre o cantar com harpa significando praticar obras de acordo com a doutrina da Lei, cantar de acordo com o saltério de acordo com o Evangelho e cantar ao som de trombeta é realizar obras de autocensura corporal, obras de valor ascético.<sup>54</sup>

O versículo 3: **Não colocarei diante dos meus olhos questão maldosa; o que fazem os infiéis sou incapaz de tolerar, isso não se apegará em mim.** O injusto para Lutero tem a ver com a justiça própria e que por sua vez está ligada à incompreensão em cantar corretamente a misericórdia e o julgamento. Além disso, ele detecta como algo injusto o seguir orgulhosamente sua própria idéia, porque “nothing blinds more thoroughly than one’s own Idea, and therefore it rightly is trouble in the dark and pestilence”.<sup>55</sup>

O versículo 4: **O coração errado afastarei de mim. O mal não conhecerei.** Neste, Lutero é sucinto e em poucas palavras diz que o coração perverso é a incredulidade e que somente pode realmente aderir à igreja o verdadeiro crente. “For no one but a believer can cling to the church and be deeply involved and mingled with it, because the church is one in spirit”.<sup>56</sup> Assim, há muitos que aderem à igreja de acordo com o corpo e a verdadeira aderência é somente de coração e cuja disposição é reta. Além disso, o coração perverso é aquele que não busca o bem espiritual, mas da carne, que é o mal do espírito.<sup>57</sup>

O versículo 5: **Aquele que usa a língua em segredo contra o vizinho, a esse silenciarei. Aquele que tem olhos arrogantes e coração orgulhoso, a esse não suportarei.** Na primeira parte Lutero fala das conseqüências do orgulho. Ele se refere ao tipo de orgulho que, tanto quanto possível, procura enfraquecer a opinião dos outros, como foi o caso dos judeus com Cristo e dos hereges na igreja. É aqui que ele percebe a ação velada do diabo. “And this is the demon that lays waste at noon and lies in ambush, according to the Hebrew, because the detractor lies in ambush and secretly destroys his neighbor, and this he thinks he is doing well, as if in broad daylight”.<sup>58</sup>

---

<sup>53</sup> Id. Ibid. p. 286

<sup>54</sup> Id. Ibid. p. 287.

<sup>55</sup> Lutero faz referência ao Salmo 91. 6, p. 289.

<sup>56</sup> Id. Ibid. p. 289.

<sup>57</sup> Luther Works, American Edition, Volume 11, p. 289.

<sup>58</sup> Id. Ibid. p. 290.

Na segunda parte Lutero brevemente toca na questão do orgulho, como empecilho para Cristo habitar nos corações. É interessante observar que ele nos remete a Ap 3.20 e acrescenta a necessidade de mudança interior, pois Cristo não muda, para quem quiser esperar pela salvação. “Therefore we cannot hope for salvation in that He will be changed, if we ourselves will not be changed”.<sup>59</sup>

O versículo 6: **Os meus olhos estarão sobre os fiéis da terra, para habitar comigo; o que anda em caminho íntegro, ele me servirá.**<sup>60</sup> Lutero o relaciona com o governo na igreja. “So in the church Christ has bishops, popes, rulers of churches, who sit on their seats in judgment upon the house of David”.<sup>61</sup> A crítica de Lutero aqui é contra os muitos que estão na função de governar, mas que estão em oposição a Cristo. E é a fé que torna alguém digno de sentar com Cristo e servi-lo. Os descrentes sentam com o mal, na cadeira da iniquidade, no lugar de Satanás. Essa última situação também se aplica àqueles que ensinam sua própria doutrina e administram suas próprias coisas santas.

O versículo 7: **Não habitará no interior da minha casa o que comete engano**<sup>62</sup>; **o que fala mentiras não darei estabilidade diante dos meus olhos.** Na interpretação de Lutero, esse versículo fala dos que não são verdadeiros cristãos, mas aparentam ser, pois eles fazem parte “...yet they were nor in the midst of the house, that is, in its innermost part, in spirit, in unity, in the bond of the communion of saints, but only in corners of the house, that is, only numerically, but not justly”.<sup>63</sup> O que pratica fraude são os que ensinam falsa doutrina e, mais precisamente, “deceit, then, is the teaching of the killing letter under the guise of the true doctrine”.<sup>64</sup> O que profere mentiras são os que desejam estabelecer as suas próprias obras, recusar obediência e dar preferência a sua própria opinião em detrimento de uma superior, de Cristo e de Deus.

Versículo 8: **Cada manhã silenciarei todos os maus da terra, para excluir da cidade do SENHOR todo o que pratica iniquidade.** Aqui Lutero deixa clara a linha hermenêutica que ele vinha seguindo: a interpretação quádrupla tradicional na Idade Média que desdobrava o significado de cada texto num sentido literal, alegórico, moral e escatológico. Para Lutero, “manhã após manhã”<sup>65</sup> significa manhã da graça, manhã da glória e manhã da moral. Cada uma com seu significado. “There is the

<sup>59</sup> Id. Ibid. p. 291.

<sup>60</sup> Id. tem também a ver com prestar serviço a Deus, officiar, ministrar.

<sup>61</sup> Luther Works, American Edition, Volume 11, p.291.

<sup>62</sup> Interessante observar que a palavra רַחֵם também pode ter o significado de preguiça, negligência, relaxamento, etc., tradução que poderia encaixar no sentido desse salmo.

<sup>63</sup> Luther Works, American Edition, Volume 11, p. 292.

<sup>64</sup> Id. Ibid. p. 292.

<sup>65</sup> A tradução de מָחָר אַחֲרֵי מָחָר; não precisa ser necessariamente “manhã após manhã”, a cada manhã, com frequência.

morning of the time of grace, in which all the unbelieving Jews were killed and cut off from the church... there is the morning of glory, in which all evil men and angels will be cut off from the church, and the church will be taken up into the glory...there is the moral morning which is the beginning of faith, giving rise to whatever good idea there is in the soul”.<sup>66</sup>

Em resumo, na manhã da graça todos os judeus descrentes serão excluídos da igreja, na manhã da glória todos os maus serão excluídos da igreja e somente a igreja pura será tomada para a glória, e a manhã da moral significa o começo da fé, pois está na alma o início de qualquer boa idéia. Quando a alma dorme, ela está sujeita a todos os tipos de males, mas quando está atenta, ela sempre terá uma manhã, ela sempre terá seus planos renovados, progredindo e vencendo os vícios. Os ímpios são todas as obras e impulsos da carne, sempre de manhã. Ainda, “manhã após manhã” pode significar “tão logo tenha nascido”, ou “cortar o mal pela raiz”. “In this way the stirrings of anger, envy, luxury, pride, etc. must be dashed and strangled as soon as they are felt”.<sup>67</sup> E finalmente, alegoricamente “manhã” é o Novo Testamento e “noite” o Antigo Testamento. E “pecadores” as falsas notas e interpretações dos escribas na antiga lei.

A interpretação comum desse Salmo é que ele foi escrito como uma promessa, um juramento do rei para governar com justiça e bondade. Ele pode ter sido composto por ocasião da posse do rei Salomão (1 Rs 2.2-4). No entanto, o cumprimento perfeito deste Salmo só acontece com o reinado de Cristo. A partir dessas considerações é possível ver que Lutero estava um tanto longe da interpretação provável desse Salmo, fato que ele realizou mais tarde, em seu comentário de 1534.

## O SALMO 101 EM 1534/1535

Com esse texto Lutero visa especialmente aos governantes cristãos, tanto no desempenho de suas funções em relação ao reino de Cristo, como ao reino do mundo. Ao que tudo indica a elaboração deste Salmo começou em 1533 e os contornos finais foram acrescentados em 1534, sendo que sua publicação aconteceu em 1535. A principal razão desses comentários parece ter sido a mudança de governo. Com a morte do príncipe-eleitor, João, estava assumindo o cargo o seu filho, João Frederico I, o Magnânimo. Lutero já lhe havia dedicado o Magnificat e agora estava lhe escrevendo os comentários sobre esse Salmo, tentando mostrar aos governantes as virtudes recomendadas por Deus nesse Salmo para o exercício saudável de sua ocupação.

---

<sup>66</sup> Luther Works, American Edition, Volume 11, p. 293.<sup>66</sup> Luther Works, American Edition, Volume 11, p. 293.

<sup>67</sup> Luther Works, American Edition, Volume 11, p. 294.

## NOTA INTRODUTÓRIA

Em sua introdução a esse Salmo, Lutero ataca a classe clerical do seu tempo, visto que esta pretendia comparar a igreja e o estado secular, enaltecendo o primeiro estado e considerando como desprezível o segundo. A intenção de Lutero é instruir especialmente aqueles em posições elevadas, pois esta é a essência desse Salmo. “... Davi louva e agradece a Deus por seu bom governo e administração”.<sup>68</sup>

Parece-me que não seria algo fora do lugar afirmar que existem dois autores diferentes para as preleções sobre esse Salmo em 1513 e os comentários de 1534, tamanha é a diferença no enfoque, na linha hermenêutica e no conteúdo. Contudo, essa situação demonstra de maneira inequívoca a grande mudança e o progresso no pensamento teológico de Lutero.

### V.1: **A bondade e Justiça cantarei a ti, SENHOR, louvarei.**

Positivamente Lutero começa afirmando que Deus instrui aos governantes a louvarem e agradecerem a Deus quando há boa organização e servos fiéis no governo. Negativamente, critica os que só criticam e os que procuram agir sem a presença de Deus, deixando-o ocioso.<sup>69</sup> Para Lutero tudo não passa de ilusão e aparência quando Deus não está envolvido com seu conselho e orientação. Quando algo é empreendido sem o temor de Deus e oração humilde, o desprezo é contra Deus, pois cada um busca a glória pessoal, como se o homem fosse capaz de fazê-lo. “Com isso estragas tudo e incitas a ira de Deus contra ti; pois ele é inimigo da arrogância e do atrevimento que lhe usurpam a honra e se opõem ao Primeiro Mandamento”.<sup>70</sup>

Graça e Justiça aqui são qualidades de um bom governante<sup>71</sup>. Para Lutero, ambas são necessárias e aconselha a usá-las com moderação. “A moderação é boa em todas as coisas... é melhor graça demais do que punição demais. Em caso de graça excessiva, pode se voltar atrás novamente e reduzir a medida; mas com a punição não se pode mais voltar atrás, especialmente quando ela atinge o corpo e a vida ou algum membro”.<sup>72</sup> Outra qualidade do governante é ter a capacidade de tolerar delitos, bem como não precipitar a punição. “Quem não sabe fechar um olho ou fazer que não ouviu, esse não pode governar”.<sup>73</sup>

<sup>68</sup> Martinho Lutero, Obras Seleccionadas, Volume 6, p. 158.

<sup>69</sup> Id. Ibid. p. 141.

<sup>70</sup> Id. Ibid. p. 143.

<sup>71</sup> Nas preleções de 1513 Lutero as considera atributos divinos e dos quais emanam bênção e juízo. Aqui ele as vê como qualidades de um governante: ser gracioso e punir.

<sup>72</sup> Martinho Lutero, Obras Seleccionadas, Volume 6, p. 145.

<sup>73</sup> Id. Ibid. p. 147.

Lutero ainda diz que existem basicamente duas classes de pessoas na terra em todas as categorias sociais. Para umas sempre dá tudo certo. Deus as estimula e orienta, de modo que não precisam nem de outra orientação para fazer algo. A única coisa que lhes falta é a palavra de Deus, para que elas reconheçam que seu sucesso não pode ser atribuído a si mesmas, mas a Deus e para que seu fim seja feliz e não em ruína.<sup>74</sup> Por outro lado, há aqueles que presumem saber e entender e ainda querem ensinar os que Deus criou para serem mestres em determinada vocação. “A esses eu denomino ‘mestre sabe tudo’, aquele homem infame, danoso, que sabe tudo melhor e, não obstante, não é o que pretexta ser”.<sup>75</sup> São aqueles que não foram criados nem educados para sabedoria, mas são macacos tentando realizar uma tarefa humana.<sup>76</sup> E isto é obra do diabo, pois é ele que suscita pessoas que querem imitar e ensinar os que foram inspiradas por Deus para fazê-lo. Para Lutero é preciso saber separar a imitação do exemplo. Os bons exemplos devem ser seguidos, mas não imitados, pois a capacidade de cada um é diferente. O desejo das pessoas de quererem ser iguais na sabedoria e no sucesso também é diabólico. “E o que é pior; neste ponto cada qual quer ser superior ao outro”.<sup>77</sup>

Para Lutero, o mundo está doente. Os heróis sadios são raros e na maioria dos governantes falta-lhes sucesso e orientação divina. E qualquer pessoa deveria rogar constantemente a presença da mão de Deus para que ninguém presuma ser dono do seu próprio destino, ou empreender algo acima de suas forças.

**V.2: Serei prudente no caminho da integridade; Quando virás para mim? Eu caminharei em pureza no meu coração no interior de minha casa.** Aqui Lutero exalta quem governa com cautela e honestidade, ou seja, guiado pela Palavra de Deus e proibindo a adoção de qualquer artigo ou crença que sejam falsos. Qualidades não são características naturais de todas as pessoas, mas Deus é que as coloca na mente e no coração. Saber governar é dádiva de Deus. E esses homens são os milagrosos homens de Deus e por sinal caça rara no reino dos céus. Também a fidelidade é qualidade importante. Cuidar do governo e de si próprio. Se um pastor não é responsável em casa e na igreja, ele já não é mais pastor ou pregador, mas um lobo e cúmplice do diabo.<sup>78</sup> Nessa mesma direção, uma última observação de Lutero é sobre o cuidado de fazer somente o que foi ordenado

---

<sup>74</sup> Id. Ibid. p. 148.

<sup>75</sup> Id. Ibid. p. 149.

<sup>76</sup> Id. Ibid. p. 152.

<sup>77</sup> Id. Ibid. 155.

<sup>78</sup> Id. Ibid. p. 161.

e não se preocupar com aquilo que não diz respeito ao governante. Sua crítica é para aqueles que desejam ser entendidos e ativos em assuntos estranhos. “E Davi pode muito bem agradecer por essa virtude, pois, com efeito, é uma coisa muito bonita e especial dádiva de Deus quando um homem valente e laborioso cuida com dedicação do que é seu e de fato lhe dá toda a atenção, em especial a Palavra de Deus, não se deixando seduzir por negócios estranhos”.<sup>79</sup>

**V.3: Não colocarei diante dos meus olhos questão maldosa; o que fazem os infiéis sou incapaz de tolerar, isso não se apegará em mim.** Aqui o louvor de Davi a Deus é um agradecimento por ele ter preservado puros o verdadeiro culto, a Palavra, servidores fiéis e rejeitado e evitado falsos servidores. A ênfase é na perseverança em defender as instituições divinas em meio aos ataques do inimigo. “Pois onde Deus instituiu sua Palavra e seu serviço, o diabo não descansa, mas tenta destruir ou, ao menos, impedi-los.”<sup>80</sup> O valor não está somente em possuir a verdadeira doutrina, mas em perseverar nela e preservá-la em pureza. A habilidade do príncipe assim se estende a captar quando alguém dos seus subordinados transgredir os mandamentos ou age contrário à sua vontade. Nisso Davi é exemplo, ainda que cercado de um conselheiro que o traiu mais tarde, Aitofel, Deus não o desamparou. É preciso saber dispensar os serviços de pessoas úteis, mas que não são íntegras de coração, aqueles que estão do seu lado, mas o fazem por interesse de domínio futuro.<sup>81</sup>

Outro detalhe observado por Lutero é o perigo da influência. Davi rechaça os transgressores e não permite que se unam a ele. Pois há exemplos de pessoas que tropeçaram pela influência negativa de pessoas ao seu lado. “... Joás foi um excelente rei enquanto viveu o sacerdote Joiada. Depois da morte de Joiada, ele mudou tanto (sem dúvida sob influência desses sítim de transgressores) que mandou assassinar a Zacarias, o filho desse mesmo Joiada, entre o templo e o altar... inicialmente também Herodes gostava de João, apreciava ouvi-lo e fez muitas coisas (como escrevem os evangelhos). Depois, porém, mandou decapitá-lo por causa de Herodias”.<sup>82</sup>

**V.4: O coração errado afastarei de mim. O mal não conhecerei.** Aqui Lutero fala da sua situação contemporânea. Ele critica a atitude da igreja sob o regime papal, especialmente em permitir heresias, invertendo a palavra de Deus. Lutero destaca a Davi como um servo preocupado em manter a palavra de Deus e o culto puros. É uma virtude seguir o exemplo de Davi e trabalhar para que nenhum engano seja introduzido na igreja.

<sup>79</sup> Id. Ibid. p.167.

<sup>80</sup> Id. Ibid. p. 168

<sup>81</sup> Id. Ibid. p.172.

<sup>82</sup> Id. Ibid. p. 174.

Davi pode ser louvado duplamente, primeiro porque é inocente de qualquer mentira e segundo porque não tolera àqueles que se empenharam nisso.

**V.5: Aquele que usa a língua em segredo contra o vizinho, a esse silenciarei. Aquele que tem olhos arrogantes e coração orgulhoso, a esse não suportarei.** Até o versículo anterior, Lutero entende que Davi promovia a palavra e a honra a Deus, ao manter pura a doutrina. A partir daqui a ênfase é Davi como exemplo no regime secular, promovendo o bem-estar de seus súditos.<sup>83</sup> Mais uma vez Lutero considera o fator humildade nos instrumentos divinos. Pois enquanto Deus generosamente distribui entre os gentios talentos e capacidades especiais, aos cristãos nem sempre são dadas essas habilidades em rica medida.<sup>84</sup> No entanto, é aí que Deus encontra lugar para dar o seu impulso, a fim de que Davi pudesse, com todos os governantes seculares, atribuir a Deus o sucesso do seu reinado.

O pecado combatido por Davi aqui é a calúnia. O mal da língua. O desrespeito à autoridade com palavras e o engano com palavras amáveis. Davi ataca esse vício como o pior, pois um inimigo que guerreia com a língua pode ser gentil e até chorar, mas “no coração, porém, planeja como te empurrar para a cova.”<sup>85</sup>

A outra virtude louvada é a humildade. Em outras palavras, isto é saber possuir riquezas e poder e não deixar se dominar por elas, para orgulhar-se ou para oprimir.<sup>86</sup> A humildade é como milagre de Deus.

**V.6: Os meus olhos estarão sobre os fiéis da terra, para habitar comigo; o que anda em caminho íntegro, ele me servirá.** Neste versículo a ênfase de Lutero é nos servidores fiéis e dispostos, que trabalham com honestidade e responsabilidade, independente de suas funções. Negativamente lembra o vício da bebida como um verdadeiro ídolo e todopoderoso. Para Lutero “cada país tem que ter seu próprio diabo... nosso diabo alemão deverá ser um bom odre de vinho e deverá chamar-se Bebedeira... ela continua sendo um ídolo todopoderoso entre nós alemães e a atua como o mar e a hidropisia.”<sup>87</sup>

**V.7: Não habitará no interior da minha casa o que comete engano, ao que fala mentiras não darei estabilidade diante dos meus olhos.** O lamento tem sido geral. Há uma carência de fidelidade e fé. A prática da falsidade e da mentira está em alta. Para Lutero, não há virtude mais honrosa que ser verdadeiro e confiável. Por outro lado não há vício

---

<sup>83</sup> Essa variação proposta por Lutero não é tão perceptível assim. Na verdade eu penso que Davi estava promovendo a honra a Deus e ao próximo em todo o Salmo e ao mesmo tempo, visto que seu governo era teocrático.

<sup>84</sup> Martinho Lutero, Obras Seleccionadas, Volume 6, p.188.

<sup>85</sup> Id. Ibid. p. 197.

<sup>86</sup> Id. Ibid. p.199.

<sup>87</sup> Id. Ibid. pp.204-205.

mais prejudicial em qualquer setor da vida que a mentira e a infidelidade. “Pois isso destrói toda a comunhão entre as pessoas”.<sup>88</sup> São elas que separam corações, mãos e vidas. Relacionamentos e negócios são arruinados, pois não há mais confiança mútua. O pior é quando isto está em quem governa. “Quando, porém, essas coisas se instalam nos escalões superiores, que prejudicam terra e gente, isso é o próprio Belzebu”.<sup>89</sup>

**V.8: Cada manhã silenciarei todos os maus da terra, para excluir da cidade do SENHOR todo o que pratica iniquidade.** Aqui é interessante observar a interpretação de “cedo”, ou “manhã”.<sup>90</sup> Para Lutero, Davi erradicou os vícios em tempo. Ele combateu o mal logo no início para que estes não avolumassem. Davi deve ser louvado por perceber e reconhecer na hora matinal os vícios e os males, a fim de extirpá-los de seu reino.<sup>91</sup>

Por fim, Lutero coloca na balança também os feitos reprováveis de Davi, bem como seu intenso sofrimento, especialmente sob a mão de Saul. Porém, ele tinha um Deus benigno, que o considerava digno, apesar do pecado, dos erros e equívocos, de ser um instrumento em suas mãos para realizar os seus propósitos. “Embora tenha pecado, não defendeu o pecado, como Saul e outros reis; além disso, deixou o pecado e o abandonou”.<sup>92</sup>

## CONCLUSÃO

Fica claro que em suas análises Lutero tinha em mente como paradigma muito mais os fatos históricos do Antigo Testamento, do que propriamente os fatos contemporâneos de sua época, ainda que ele tenha citado alguns exemplos extra-bíblicos e a maioria de seus escritos tenham sido originados justamente por um fato contemporâneo. Por isso, olhado sob esse prisma, Lutero possivelmente continuaria a analisar as tragédias contemporâneas de nosso tempo baseado nos exemplos bíblicos do Antigo Testamento. A implicação disso naturalmente faz com que esse tipo de conclusão seja direcionada mais para o povo cristão do que secular, contudo, confere autoridade e credibilidade para se avaliar a História criticamente, mas de maneira justa e confiável. Eu entendo que só confrontando as nossas tragédias com as do Antigo Testamento, poderemos perceber, ainda que somente pela fé, um Deus que precisa abater, para depois reerguer, como foi no caso dos exílios (Ez 39.23), um Deus que precisa derrubar para prevenir um mal maior, como foi no caso da Torre de Babel (Gn 11.6).

<sup>88</sup> Id. Ibid. p. 207.

<sup>89</sup> Id. Ibid. p. 208.

<sup>90</sup> Nas preleções de 1513 ele considerou algumas interpretações diferentes para essa expressão. Manhã da graça, manhã da glória e manhã da moral. Além disso, manhã significava Novo Testamento e “noite” o Antigo Testamento.

<sup>91</sup> Uma das interpretações para essa expressão “manhã”, tem a ver com as sessões de julgamento feitas no período matinal (Jr. 21.12), ou ainda diariamente, com frequência (Sl 73.14); Lange, *Commentary on Psalms*, p.518.

<sup>92</sup> Martinho Lutero, *Obras Seleccionadas*, Volume 6, p. 213.

O que Lutero diz nem sempre é possível perceber em nossos dias na prática. Ainda hoje é preciso ser alguém de muita fé para aceitar com naturalidade a presença e a ação de Deus na miséria, na carência, na opressão, nos acidentes, nas calamidades, nos atentados, na corrupção. Porém, os fatos na História e na vida particular das pessoas demonstram, por vezes até empiricamente, que é verdadeira a conclusão de Lutero em atribuir a ação divina a um Deus Absconditus, tão enfatizada ao longo do Magnificat. O efeito desse escrito e dos demais, para os que têm fé, certamente é consolador e orientador, mas o mesmo possivelmente não acontecerá com aqueles cuja fé está direcionada para o bem estar físico e a prosperidade material e para aqueles que pregam a Cristo como um libertador social ou a presença do Reino de Deus em força e prosperidade.

Bernard Lohse lembra que este tema do Deus oculto e revelado permeia praticamente todos os escritos de Lutero.<sup>93</sup> É importante notar a observação desse mesmo autor, que lembra que o oculto não pode ser equacionado com o invisível, pois a cruz de Cristo foi visível, mas reconhecer que nessa morte foi criada a vida e nela o Reino de Deus esteve presente em sua plenitude, só a fé o pode reconhecer. Esta é a forma de agir de Deus, ao contrário, “matar com a morte” a morte, a punição com a punição, o sofrimento com o sofrimento, a desgraça com a desgraça. Assim a morte é vida, punição é alegria, sofrimento é prazer, desgraça é glória,<sup>94</sup> derrota é vitória.

Evidentemente que este conceito de Deus sofreria muita contestação nos tempos modernos, quando existe uma forte tendência teológica de relacionar Deus com prosperidade e sucesso. Nesse sentido, os comentários de Lutero fortalecem solidamente a teologia do Deus presente também nas fraquezas e necessidades. Um Deus presente nas tragédias e desastres naturais, porque Ele quer ser reconhecido pela fé e não pelo que se vê.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARAND, Charles. *That I May Be His Own*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2000.

BORNKAMM, Heinrich. *Luther's World of Thought*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1965.

LOHSE, Bernard. *Martin Luther's Theology*. Minneapolis: Fortress Press, 1999.

LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*, Volume 6. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/ Concórdia, 1996.

LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*, Volume 4. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/ Concórdia, 1993.

LUTHER, Martin. *Luther's Works*. American Edition, Volume 11, Saint Louis: Concordia Publishing House.

<sup>93</sup> “The theme of the hidden and revealed God threads through all of Luther’s writings, from the first psalms lecture onward” – Lohse, p.215.

<sup>94</sup> Id. Ibid. p.216.

# HÁ UM RIO QUE ALEGRA A CIDADE DE DEUS!

## ORDEM DE CULTO COM CEIA, BASEADA NO SALMO 46

*Elaborada pelo Prof. Dr. Vilson Scholz, em novembro de 2004,  
para uso na Capela do Seminário Concórdia*

### 1. INVOCAÇÃO

Oficiante: “Em nome ...”

Congregação (canta):

Ó Santíssima Trindade de ofuscante resplendor,  
és a fonte da bondade, donde emana o puro amor. (153.1)

### 2. ATO PENITENCIAL

O.: Enquanto não confessei o meu pecado, eu me cansava, chorando o dia inteiro.

C.: As minhas forças se acabaram como o sereno que seca no calor do verão.

O.: Então eu te confessei a minha maldade

C.: E tu perdoaste todos os meus pecados.

Todos (cantam):

*Sedento na alma, venho a ti, aumenta a fé, ó Salvador;  
arrependido estou aqui, buscando o teu perdão, Senhor. (256.4)*

Oficiante:

Veio Jesus, *manancial* da alegria, ele é o princípio, também ele é o fim.  
Deus se fez homem, Pastor que nos guia: Como é possível amar-nos assim?

Ide aos gentios: raiou novo dia, veio Jesus, manancial da alegria!

Veio Jesus, vera *fonte* da graça. Vinde, *sedentos*, oh! vinde beber!  
Eis que vos dou, neste tempo que passa, algo que fica e não há de morrer.

Cristo vos livra de toda ameaça. Veio Jesus, vera fonte da graça!  
(272.1,6)

### **3. O SALMO DO DIA – SL 46**

### **4. HINO 438**

### **5. AS LEITURAS BÍBLICAS**

O.: A palavra de Deus nos vem hoje numa seleção de textos bíblicos.  
Do Antigo Testamento, um trecho de Gn 2 (2.4b-14) e outro de Ez 47 (47.1-12); do Novo Testamento, Jo 7.37-39, Jo 19.31a,33-35, e Ap 22.1-3.

C: Fala, ó meu Senhor bendito, o teu servo quer ouvir. m Jorre a fonte do infinito, vida quero dela haurir e maná dos céus provar, que minha alma irá fartar. (168.5)

### **6. MEDITAÇÃO (VER ANEXO)**

### **7. HÁ UM RIO CRISTALINO (LOUVAI AO SENHOR, # 42)**

Há um rio cristalino, onde os santos viverão;  
corre do divino trono, é a alegria do cristão.

Alegria nós teremos em Jesus, o bom Senhor.  
Para sempre viveremos com o nosso Redentor.

Lá na margem desse rio os remidos andarão,  
sempre a Cristo ali servindo, com sincera devoção.

Alegria nós teremos em Jesus, o bom Senhor.  
Para sempre viveremos com o nosso Redentor.

Pela fé nós alcançamos a justiça e retidão  
de Jesus, que deu a vida pela nossa redenção.

Alegria ...

Nós veremos breve o rio, finda a peregrinação,  
e louvores sempiternos nossos lábios cantarão.  
Alegria ...

## **8. OFERTA E ORAÇÃO E PAI-NOSSO**

## **9. LITURGIA DA SANTA CEIA**

O.: Diz Jesus, o Redentor: Quem tem sede, venha a mim.  
Água viva em seu frescor lhe darei do céu, sem fim.

C.: Desta fonte então provei água em todo o seu dulçor.  
Do pecado assim sarei, vivo agora no Senhor. (286.3)

O.: Nosso Senhor Jesus Cristo ...

O.: A paz do Senhor ...

C.: E contigo também.

C.: Ó Ceia, que és o manancial que me sustenta e dá vigor,  
vem dar-me vida e paz real e a comunhão em santo amor. (256.3)

## **10. DISTRIBUIÇÃO**

Hino 84; Hino 263, estrofes 1,3,5,7

## **11. AÇÃO DE GRAÇAS E BÊNÇÃO**

## **12. ENCERRAMENTO**

C. (canta) Fugindo mesmo os montes, meu Deus será fiel,  
não secarão as fontes da graça de Israel. (251.5)

## MEDITAÇÃO SOBRE O SALMO 46 - HÁ UM RIO ...

O Sl 46 é o salmo da Reforma, e, como o dia 31 caiu num domingo, temos, afinal, uma semana da Reforma. Foi o Salmo que inspirou Lutero a compor Castelo Forte é Nosso Deus, ou, para ser bem literal, “Castelo Firme é Nosso Deus”.

Só que, para surpresa nossa, o hino de Lutero tem pouco do Salmo. Em outras palavras, o “Castelo Forte” não brota diretamente do Salmo 46, que nem chegou a ser o Salmo favorito de Lutero (esse era o 118). Ele nem chegou a comentá-lo em detalhe (não aparece na edição inglesa nem na portuguesa de suas obras). Portanto, se queremos ir ao Salmo, temos que ir sem Lutero.

O Salmo 46 é rico em detalhes, e tem muito de singular, ou seja, afirmações que não aparecem em outros salmos. São três estrofes. O que sempre me intrigou é aquele rio, bem no meio do Salmo, rio que alegra a cidade de Deus.

Esse rio é semelhante àquele que passava pelo jardim do Éden. Desde o Éden, onde ele é bem literal, ele se torna metafórico. Como tal, ele aparece, desaparece e reaparece na Escritura. Ou, se preferirmos, corre subterraneamente, desde o Gênesis, rumo ao Apocalipse, aparecendo às vezes. (A metáfora da água é menos comum do que a metáfora do pão. Ao menos no Hinário. Não é fácil “montar” um culto em torno disso, só com estrofes do Hinário).

No Salmo 46 o rio aparece na cidade de Deus. Se aquela é Jerusalém, então é coisa por demais estranha. Lutero, em mais uma manobra radical no campo da tradução, adaptou isso a uma realidade medieval. Traduziu o v. 4 assim: “Mesmo assim (ou, apesar disso) a cidade de Deus fica faceira da vida com suas bicas d’água, lá onde ficam as santas moradas do Altíssimo” (Dennoch soll die Stadt Gottes fein lustig bleiben mit ihren Brunnlein, da die heiligen Wohnungen des Höchsten sind.)

Depois – ou teria sido antes? – em Ez 47 o rio reaparece, correndo do Templo em direção ao mar Morto, ficando cada vez mais fundo e inundando tudo de vida. A água salgada vai se tornando doce, e sobram só os brejos e charcos para a produção de sal – pois sal também é necessário para a vida, e era usado para os sacrifícios do Templo.

O rio dá sinais de vida aqui e ali nos profetas, vai subterrâneo e volta em (João 3 e) João 4, onde Jesus promete água da vida à mulher samaritana. Quem beber dela nunca mais terá sede, e a água que ele dá se tornará na pessoa uma fonte de água que dará a vida eterna. (Jesus se diz o pão da vida. Nunca diz ser ele a água da vida.). Em João 7, Jesus fala dos rios de água viva que vão jorrar do coração de quem nele crê. E o evangelista

explica que ele estava falando do Espírito Santo, que receberiam aqueles que criam nele. Na cruz (João 19), do lado de Jesus saiu sangue e água, o que, para o evangelista, tem um significado todo especial – e que precisa ser visto à luz de João 7 – apontando para o dom do Espírito. Na cruz, Cristo foi glorificado, e, sendo glorificado, ele envia o Consolador. Por fim, Apocalipse 21 fecha o ciclo, re-conectando com o Gênesis, e vê o rio da água da vida fluindo e alegrando a cidade eterna.

Em termos de aplicação, é possível fazer a ponte com o batismo. Com a Ceia fica mais difícil, pois a metáfora do pão é mais adequada. No entanto, uma conexão com toda a obra do Espírito Santo pode ser feita, com certeza.

Mas é hora de voltar ao Salmo 46. Salmos são para serem orados, cantados, recitados, meditados. Salmos também podem ser levados ao púlpito. E qual seria o gênero adequado para tanto? Há quem defenda que cada gênero literário na Bíblia requer o mesmo gênero literário no púlpito. Sendo assim, parábolas teriam que ser reparabolizadas, isto é, pregadas em forma de outras parábolas; textos de epístola teriam que sair num tom argumentativo ou retórico, etc. E um Salmo? A melhor maneira de pregá-lo seria em forma de poesia.

Não sou poeta nem repentista, mas, se fosse, a coisa talvez devesse ser mais ou menos como segue abaixo. (E tudo que foi dito até agora deve ser visto como mera introdução, longa, prosaica, em contraste com a poesia, que mais sugere do que diz e se concentra em poucas linhas.)

## HÁ UM RIO ...

Havia um rio ...  
rio do riso  
no Paraíso

Rio que agora  
foi-se embora  
— ou alguém viu?

Rio que saía  
se dividia  
Eufrates, Giom,  
Tigre, Pisom

Há um rio mais calmo  
o rio do Salmo ...  
... da felicidade –  
que corta a cidade

Que rio é esse  
em Jerusalém?  
Lá rio não tem!

Rio bem ao meio — :  
de um lado a terra  
do outro a guerra  
uma, abalada  
outra, inflamada

Diz da presença  
bastante intensa  
do Deus da graça  
que nos enlaça!

Rio que Lutero  
viu transformado  
bem espalhado  
em bicas d'água  
alegando a cidade

Há um rio ... e eu rio  
de felicidade  
o rio passando  
dá vida à cidade!

Em Ezequiel  
vidente fiel  
há um riacho  
que vem de baixo  
do Templo de Deus.

Rio que dá vida  
— rica em medida.  
Vai se afundando  
reverdejando  
tudo, onde passa.

E na passagem  
dos Testamentos  
será que é rio  
ou inda é riacho?

Não é nem rio  
e nem riacho  
mas rios – sim, mais –  
mananciais  
de água viva  
do rio da vida  
no Paraíso  
o rio do riso  
que enche a cidade  
de felicidade!

Há um rio ... e eu rio  
de felicidade  
o rio passando  
dá vida à cidade!

## EM QUE TIPO DE MUNDO VOCÊ VIVE?

Nós já lemos o evangelho de hoje. Agora, ouçamos mais algumas palavras do discípulo João:

Nós estivemos juntos por três anos e isso já representou a totalidade da minha vida. Nós viajamos por todo o país e Ele esteve ensinando. Ele ensinou ao povo, mas nos ensinou ainda mais quando estávamos sozinhos com Ele. E quando meu irmão e eu deixamos a companhia de pesca do nosso pai para segui-lo, eu deixei tudo para trás, pois eu pensava que o chamado era para toda a vida. E agora, ele estava nos dizendo que estava partindo. Ele disse a todo o nosso grupo que ele estava nos deixando. E não apenas deixando, mas se entregando à morte.

Ele disse que seria condenado à morte pelos principais sacerdotes e fariseus e que ao terceiro dia ressuscitaria. O que isso quer dizer pra nós? Qual o sentido de ressuscitar? Se ele teve inimigos, nós deveríamos ter lutado com eles. Afinal, nenhum rei alcança poder sem derramamento de sangue..... Não é mesmo?

Eu estava apavorado. Todos nós estávamos! Se Jesus nos deixou... não, se Jesus morreu... os judeus deveriam nos odiar. Os romanos deveriam ou rir de nós, ou se eles acreditassem que Jesus era um rei, então talvez viriam atrás de nós para nos matar.

Mas não. Foi mais grave ainda. Se eu dissesse a você que Jesus foi meu mestre, eu estaria mentindo. Ele foi mais do que isso. Eu vi o que ele fez. Eu vi os paralíticos andando. Os cegos enxergando. Eu ouvi as palavras que ele disse e as promessas que ele fez. Ele não é apenas um homem. Ele é o próprio Deus. Ele é o meu Deus. Como pode Deus morrer? Como ele pôde me deixar num mundo como esse? ...”

Esse poderia ter sido o testemunho de qualquer um dos discípulos no Evangelho de hoje. Jesus os deixou sozinhos. Ele lhes disse que morreria e os deixaria num mundo como esse. Olha ao seu redor. Como é esse mundo? O que você vê? Em que tipo de mundo você vive?

Você está preocupado com emprego? Como você comprará as coisas de que você precisa? Essas são preocupações para muitos de nós aqui no

Brasil. E não só pra nós, mas também para muitos brasileiros que vivem nas ruas e bairros ao redor de Novo Hamburgo. Você tem tentações ou vícios que Satanás usa para tentá-lo. Os discípulos de Jesus foram curados dos seus vícios. Contudo, talvez eles tiveram medo de que, após a partida de Jesus, esses vícios voltassem. Você tem medo de que seus vícios tomem conta de você?

Você vê um mundo que é ameaçador para a Igreja? Talvez você já tenha vivido neste mundo o tempo suficiente, mas não tenha percebido a real ameaça do Espiritismo, o culto da Maria e o tipo de secularismo vindo da Europa e Estados Unidos que está sendo trazido para o Brasil. Mas eu digo a você hoje que é um fato que o Brasil agora está enviando mais missionários para outros lugares do que qualquer outro país no mundo. Satanás está furioso. E o Brasil é um alvo espiritual para ele.

E a Igreja Luterana aqui no Brasil: o que você acha? Nós estamos proclamando a luz do evangelho em meio a um país regido pela superstição. Vocês estão enviando missionários e formando igrejas no Brasil e em outros lugares como Angola. Satanás fez da IELB um alvo. Então, também essa Comunidade São Paulo, e vocês pessoalmente que são a luz de Cristo, são um alvo de Satanás.

Entretanto, isso não é o ponto final do evangelho de hoje. Os discípulos, neste ponto da história não entenderam o que aconteceria. Mas nós sabemos. Esse é o quinto Domingo da Páscoa. Esse é o quinto Domingo consecutivo no qual nós celebramos a vitória de nosso Deus sobre o pecado, a morte e ainda o próprio Satanás. E nós temos uma promessa pascal que os discípulos no evangelho de hoje não entenderam. Abram suas bíblias em João 14. Vamos ler os versículos 1 a 4.

Dependendo da tradução, podemos encontrar “não se turbe ou não fiquem aflitos”. E “na casa do meu Pai há muitos quartos e eu vou preparar um lugar para vocês”. Que palavras evangélicas! Que linguagem da ressurreição! Jesus sabia que tipo de mundo é esse. Ele sabia que estava partindo para o Pai. Não porque ele estava deixando seus discípulos a sós, mas para que o Espírito Santo pudesse ser enviado. E não partindo para sempre. Ouça as palavras de Jesus para os discípulos: “Voltarei e os levarei para que onde eu estiver vocês estejam também”. E essas são palavras de Jesus para você hoje.

Vocês que são batizados. Vocês que hoje receberão o corpo e sangue de Cristo na Ceia nesse altar. Você tem um lugar que está sendo preparado para você pelo próprio Jesus. Guarde essas palavras para você: “E, depois que eu for e preparar um lugar para vocês...” Isso quer dizer que como filho de Deus batizado é o próprio Jesus que está preparando um lugar para você junto a Ele para sempre. Ele próprio está voltando para nós, para você.

Ouçamos, mais uma vez, as palavras de João: “Jesus foi um bom pescador. Ele sabia como jogar a linha para as pessoas pegarem. Após falar as palavras evangélicas de conforto, ele nos disse que nós já sabíamos o caminho para onde ele estava indo. E Tomé pegou a isca. Ele disse que não sabia para onde Jesus estava indo. É claro que ele não poderia saber o caminho!” Como Jesus responde? Olhemos para o versículo 6.

Você que está aqui hoje também sabe o caminho para o Pai. O próprio Jesus é o caminho para nós, assim como nós o seguimos na morte e ressurreição, no batismo e na santificação que segue. Ele é a verdade para nós e nós ouvimos sua voz na sua palavra, a Bíblia. Ele é a vida que ele nos deu em sua morte e ressurreição. E essa vida é o que nós ganhamos e celebramos na Ceia do Senhor.

Ouçamos de novo João: “Sim, Jesus foi um bom pescador. Ele jogou seu anzol uma segunda vez. Ele lançou outra linha porque ele ama todos nós que somos seus discípulos. Ele quis nos ajudar nesse momento de dúvida. Assim, ele nos disse que nós temos visto e conhecido o Pai nos céus. E dessa vez, foi Filipe quem mordeu a isca”. Vamos ler o versículo 8 até o versículo 11.

E para dizer verdade, é difícil ver o Pai, não é mesmo? Deus é Espírito e nós não podemos vê-lo. Mas nós podemos ver as suas obras mesmo em lugares escuros.

Permita-me contar mais uma história. Mas, dessa vez, uma história pessoal. Eu gosto de visitar pessoas na prisão. Lá nos Estados Unidos essa é uma das coisas para as quais eu atuo como voluntário. Uma vez eu conheci uma garota que estava presa por crimes que ela havia cometido por causa do seu envolvimento com drogas. Ela me disse que estava se sentindo muito culpada. Ela falou-me que se sentia sozinha. Quando eu perguntei se ela ainda estava assistindo aos cultos e orando, ela disse não. Ela me disse que não acreditava que Deus queria ouvi-la.

Eu lhe disse que simplesmente não era verdade. Jesus a ama muito mais do que ela imaginava. Nós lemos a Bíblia juntos e também oramos juntos. Depois, ela disse que oraria de noite na sua cela. Ela me falou de como ela queria sentir-se perto de Jesus novamente. No momento quando eu estava partindo, ela disse: “Eu me sinto muito bem neste momento. Como Deus me ama! Eu desejaria voltar para os cultos agora”. Então, eu lhe disse: “Você já foi”.

Isso é Páscoa! Isso é Páscoa numa cela de prisão. Você está vendo o Pai agora? Olha para Jesus em sua ressurreição: eis o Pai. Jesus está no Pai e nós estamos em Jesus. Nós somos sua igreja. O Pai está em Jesus e Jesus está em nós. Isso é Páscoa! E essa é a Páscoa que nós somos para os outros. Assim, o Pai age através de nós com o seu amor. Amor por

outros membros de sua igreja e especialmente amor para aqueles que ainda não crêem. Nós nos tornamos parceiros com Deus na sua própria obra de levar a ressurreição de Jesus para todos os que estão sendo massacrados e humilhados. Para aqueles que estão nas ruas e nos bairros. Nesse mundo frio e ameaçador. Esse mundo onde nós tememos sobre o que vai acontecer conosco. Onde nós tememos sobre a nossa culpa. Esse mundo não é muito diferente da cela daquela garota que estava aprisionada. Mas, Páscoa acontece aqui também. A ressurreição é sua em Jesus Cristo hoje. E ele mesmo já está vindo nos chamar. Esse é o quinto domingo da Páscoa. Feliz Páscoa!

A paz de Deus que excede toda a compreensão humana guarde os vossos corações e mentes em Cristo Jesus. Amém!

---

*Mensagem proferida pelo estudante de Teologia William Miller na congregação São Paulo de Novo Hamburgo, RS, no 5º Domingo de Páscoa de 2005. William é aluno do Concordia Seminary de Saint Louis, MO, EUA, e estudou um ano no Seminário Concórdia de São Leopoldo, RS, na qualidade de aluno do programa de intercâmbio existente entre as duas instituições.*

